

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARISTELA COMPAGNONI VIEIRA

EAD: O MITO DA EDUCAÇÃO FÁCIL

Porto Alegre

2007

MARISTELA COMPAGNONI VIEIRA

EAD: O MITO DA EDUCAÇÃO FÁCIL

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura do curso de Pedagogia Multimeios e Informática Educativa da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Elaine Turk Faria

Porto Alegre

2007

MARISTELA COMPAGNONI VIEIRA

EAD: O MITO DA EDUCAÇÃO FÁCIL

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura do curso de Pedagogia Multimeios e Informática Educativa da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Elaine Turk Faria

Dra. Helena Sporleder Côrtes

Me. Ana Beatriz Delacoste

Porto Alegre

2007

À Ilka, minha mãe querida,
de quem creio que o orgulho que sente
por minhas conquistas só não é maior
que o amor que tem por mim.

AGRADECIMENTOS

Às professoras Helena Côrtes e Elaine Turk Faria, pelo exemplo e pela orientação.

Às colegas Greice Carvalho, Jaqueline Dalpizzolo, Kátia Jantsch e Viviane Caseri, pelo companheirismo.

Ao casal Greice e Chico Plentz, pela presença incondicional durante os quatro anos de faculdade.

Aos meus familiares, amigos e namorado, por existirem.

Não basta à mulher de César ser honesta, ela tem de parecer honesta.

Cícero

RESUMO

Este trabalho de pesquisa analisa as aproximações/distanciamentos entre o conteúdo veiculado pela mídia que divulga cursos/instituições de Educação a Distância (EAD) e a visão dos alunos de uma instituição de EAD.

Por meio da metodologia de Hermenêutica de Profundidade, perpassada pela técnica de Análise de Conteúdo, concluíram-se os distanciamentos existentes entre o entendimento dos sujeitos (alunos de um curso EAD) sobre a qualidade dos cursos na modalidade não presencial e a ideologia veiculada pela mídia quanto à qualidade dos mesmos.

As propagandas que divulgam cursos/instituições na modalidade EAD muitas vezes veiculam ideologias que permitem a interpretação da modalidade como uma educação facilitada. Contrariamente, a análise da percepção dos sujeitos de cursos não presenciais evidencia outros aspectos da modalidade.

Segundo os sujeitos, a EAD exige do aluno grande dedicação para atendimento da demanda de atividades e o desenvolvimento de habilidades específicas como autonomia e autodisciplina. Já as propagandas apresentam apelos sedutores de cursos pouco onerosos no que concerne a tempo de estudo e rigor acadêmico.

Embora a mídia não possa ser responsabilizada por todos os mitos ou preconceitos que envolvam a modalidade EAD, a análise das propagandas e da visão dos alunos permite concluir que algumas campanhas publicitárias depreciam e colaboram para que não seja atribuída à EAD sua devida credibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a Distância, preconceitos, mitos e mídia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	42
Mudanças de percepção dos sujeitos com relação à EAD após o ingresso no curso	
Gráfico 2	46
Possibilidades de mudança de modalidade de curso	
Gráfico 3	47
Razões para trocar ou não da modalidade a distância para a modalidade presencial	
Gráfico 4	50
Tempo por dia dedicado ao estudo	
Gráfico 5	52
Qualidade comparativa entre cursos a distância e presencial	
Gráfico 6	55
Aspectos positivos de um curso a distância	
Gráfico 7	57
Aspectos negativos de um curso a distância	
Ilustração 1	60
Campanha publicitária A	
Ilustração 2	64
Campanha publicitária B	
Ilustração 3	68
Campanha publicitária C	
Ilustração 4	70
Campanha publicitária D	

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 Histórico	11
2.2 Índices Estatísticos da EAD no Brasil.....	12
2.3 Uma Educação Feita a Distância.....	16
2.4 Referenciais de Qualidade Para Educação a Distância	20
2.5 Os Mitos da Educação Fácil	26
2.6 A Mídia e a Criação dos Mitos.....	29
3 METODOLOGIA.....	34
3.1 Hermenêutica de Profundidade	35
3.2 Análise de Conteúdo.....	37
4 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	40
5 ANÁLISE DO CONTEÚDO DA MÍDIA QUE DIVULGA A EAD.....	59
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75

1 INTRODUÇÃO

Embora os primeiros registros das tentativas de realizar cursos a distância no Brasil remontem há mais de 100 anos (o primeiro curso a distância do qual se tem notícia foi veiculado em páginas de jornal no Rio de Janeiro) a Educação a distância (EAD) foi regulamentada no Brasil quando entrou em vigor da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº. 9.394, em 20 de dezembro de 1996. Em seu Art.80, a Lei prevê a EAD como uma aliada às demais propostas do projeto educacional do país.

Embora a legislação não tenha se apresentado suficientemente clara ou consistente, representa aquilo que, em 1996, foi um aceno das intenções do governo, como forma de tangenciar os anseios da área e de conter as aspirações dos setores privados que reivindicavam a legalização da EAD para aumentar seus ganhos (ARAÚJO e HORA, 1998).

Ao longo destes mais de 10 anos, desde a regulamentação da EAD até os dias atuais, foi possível acompanhar seu surgimento e profusão de maneira que o número de brasileiros matriculados nestes cursos, em 2005, foi 1.278.022, tanto em cursos oficialmente credenciados quanto por grandes projetos nacionais públicos e privados¹.

Os dados indicam mais claramente que os cursos nas modalidades a distância apresentam-se como uma alternativa de acesso à educação para grande parcela da população. Portanto, se faz necessária a formação de uma cultura que permita a sua desmarginalização, no que diz respeito à credibilidade e reconhecimento, preservando sua concepção e execução não apenas como alternativa de acesso à educação, mas de uma educação, sobretudo, de qualidade.

De acordo com Araújo e Hora (1998), a EAD não pode ser considerada panacéia, pretenso remédio para todos os males da educação brasileira, nem mesmo existir como alternativa de segunda qualidade ao ensino regular. Por este motivo, é correto afirmar que se precipitam as organizações que anunciam projetos imbuídos em um universo utópico de recursos milagrosamente tecnológicos, que inclusive estão respaldados na LDB/96, no inciso 4 do Art.80, que dispõem da diferenciação de tratamento da EAD no que concerne aos custos

¹ Segundo dados do Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (ABRAEAD), publicado em 2006.

de transmissão em canais comerciais, concessão de canais e reservas de horários nos veículos de comunicação.

As mídias de massa, como formadoras de opinião e divulgadoras destes cursos, calcam em suas campanhas os aspectos práticos, como flexibilização de horários, custos e duração dos mesmos, contribuindo para a perpetuação, no imaginário popular, da idéia da “educação fácil”, que não requer dos discentes o mesmo comprometimento que, acredita-se, estar presente nas modalidades de educação presenciais.

Entretanto, estudos como o de Lobo (1998) afirmam que a educação a distância “não é nem pode ser outra educação, mas a mesma educação que se operacionaliza à distância”.

Há alguns equívocos que são comuns em relação à Educação a distância, talvez em função das propagandas feitas para divulgar esta modalidade de ensino e de aprendizagem. Muitas pessoas acreditam que à distância vão aprender rapidamente, que tudo vai ser fácil, que não vão gastar tempo e, já nas primeiras dificuldades, abandonam o curso, quando percebem que terão de dedicar algumas horas de suas vidas àquela atividade.

Cursos totalmente a distância atingem até 50% de índice de evasão, o que, entre outros motivos, pode representar a falha nas expectativas daqueles que ingressaram no mesmo, visando aspectos puramente práticos e que, ao depararem-se com a realidade das exigências e necessidades que enfrentarão, optam pela desistência.

Da observação das divergências existentes entre a idéia de EAD divulgada na mídia e a dos sujeitos da mesma (estudiosos, professores ou estudantes), surgiu este trabalho, que pretende analisar as aproximações e/ou os distanciamentos existentes nas concepções destes dois grupos, o primeiro, como formador de opinião e o segundo como aqueles que de fato, vivenciam este processo.

O fato que existe como certeza entre os diversos equívocos ou divergências entre a visão veiculada pela mídia e a dos sujeitos que fazem parte da EAD é que esta modalidade de ensino vem atendendo a um número crescente de pessoas e a divulgação de idéias que a apresentem como um ensino de menor validade (ou qualidade) contribui para a marginalização de uma alternativa de acesso ao conhecimento, tão necessário em nosso país.

Sendo assim, este trabalho visa identificar as aproximações / distanciamentos entre o conteúdo veiculado pela mídia e o entendimento que os alunos e professores de uma instituição de educação a distância têm dos próprios processos de ensino e aprendizagem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Histórico

Embora a EAD tenha sido regulamentada no Brasil a partir de 1996 com a aprovação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), pode-se afirmar que esta ferramenta de ensino e aprendizagem tem seu surgimento marcado a partir da popularização do serviço postal.

Os primeiros relatos sobre ensino por correspondência remontam ao século XVII, quando deu-se início a uma modalidade de ensino cujo aparecimento configura-se, certamente, como as primeiras tentativas de realizar o que hoje denominamos Educação a Distância. (NUNES, 1992)

Garcia Aretio (2001) associou a história do desenvolvimento da EAD à evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). A seguir, são apresentadas as etapas ou fases do desenvolvimento da EAD, que o autor dividiu em três gerações principais:

A primeira geração da EAD surge a partir do desenvolvimento da impressão e dos serviços postais, no final do século XIX, início do século XX, dando origem ao ensino por correspondência.

Os materiais didáticos eram transcrições impressas de materiais escritos de aulas presenciais tradicionais, sem nenhuma especificidade didática aplicada a esta metodologia de ensino. A comunicação entre professores e alunos ocorria de maneira assíncrona e textual. Esta foi a etapa mais longa no desenvolvimento da EAD.

Ainda neste período começa a surgir a figura do tutor, como animador e incentivador do aluno, encaminhando respostas e trabalhos corrigidos pelo correio.

A segunda geração surge em meados do século XX, a partir da década de 60, denominada pelo autor como ensino multimídia. Neste período passou-se a associar ao texto escrito outros recursos midiáticos como televisão, vídeo-cassete e rádio. O uso do telefone também é incorporado, permitindo que professores e alunos possam comunicar-se de forma mais dinâmica.

A partir da década de 80 inicia-se a terceira geração, que contou com a integração das telecomunicações a outros meios educativos, associados também à informática. Este período é o que Aretio (2001) chama de ensino telemático.

É neste período que ocorrem alterações fundamentais na EAD. A comunicação deixa de ser exclusivamente assíncrona e passa a permitir contatos também síncronos, não apenas entre aluno e professor, mas também entre os alunos. Além da inserção das telecomunicações e da informática, o uso das emissões por rádio e televisão, como áudio e videoconferências potencializam-se nesta etapa.

Uma quarta geração no desenvolvimento da EAD é denominada por Taylor, apud García Aretio, (2001) como Modelo de Aprendizagem Flexível, utilizando-se da multimídia interativa, da comunicação mediada pelo computador e do uso da Internet.

O ensino por Internet teve seu início na última década do século XX e foi marcado pelo surgimento dos ambientes virtuais de aprendizagem.

O objetivo maior de ambientes de aprendizagem é maximizar as possibilidades de interação entre os participantes de um grupo, a fim de que seja possível o desenvolvimento de ações compartilhadas, onde todos são simultaneamente professores-e-alunos. (FRANCIOSI, 2003, p. 133)

Segundo Taylor, há ainda uma quinta geração da EAD, em fase de consolidação, a qual ele denominou como Aprendizagem Flexível Inteligente. Este modelo também seria suportado pela Internet e com associação opcional de outras mídias, mas permitiria respostas automáticas a partir de uma base de dados inteligente.

2.2 Índices Estatísticos da EAD no Brasil

Muitas são as forças de mudança que tencionam alterações educacionais na atualidade. Os impactos da globalização, a importância cada vez maior das tecnologias de informação e comunicação, o aumento do valor dado ao conhecimento e a pressão demográfica da demanda não-atendida para a escolaridade são aspectos que convergem sobre a Educação, tencionando mudanças nos sistemas, nas metodologias adotadas pelos professores e instituições e até mesmo no conceito espaço-temporal de ensino e aprendizagem.

Em decorrência deste contexto, a Educação a Distância apresenta-se como o subsetor educacional que cresce com maior velocidade², apresentando taxa anual de crescimento de alunos realizando cursos universitários *on-line* de 18,2%.

Os dados estatísticos sobre EAD analisados a seguir demonstram a representatividade e a importância que esta modalidade de ensino vem adquirindo ano a ano, sendo responsável pela formação superior e também básica e técnica de um elevado número de pessoas. O crescimento significativo da quantidade de alunos e instituições de EAD indica que a modalidade tem ganhado cada vez mais espaço no panorama educativo.

Atualmente é possível afirmar que a EAD deixou de ser apenas uma alternativa ao ensino presencial para assumir maior destaque no cenário educacional. Entende-se isso como consequência ao contexto do país, que colabora com a criação de um ambiente legal e institucional favorável, no que diz respeito ao credenciamento e avaliação das instituições e ao incentivo à formação de consórcios entre universidades públicas (como é o caso da Universidade Aberta do Brasil – UAB).³

É válido aqui considerar que hoje no Brasil, apenas 11% dos jovens entre 18 e 24 anos estão matriculados no ensino superior. Iniciativas como a criação da UAB, bem como demais políticas públicas de incentivo à Educação a Distância representam os esforços do governo em alcançar a meta prevista no Plano Nacional de Educação (PNE), a qual estabelece que até 2011, 30% dos jovens entre os 18 e 24 anos estejam frequentando o ensino superior.

Entretanto, a proximidade da data estabelecida pelo PNE para o atendimento da meta, a demanda de jovens excluídos do processo e o panorama pouco promissor no que confere à criação e democratização de vagas nas universidades públicas influenciam em grande parte o crescimento e difusão da EAD no país.

Para alcançar esse objetivo [o atendimento de 30% dos jovens com idades entre 18 e 24 anos até 2011], o Ministério da Educação (MEC) tem estabelecido políticas estratégicas para a universalização do acesso ao ensino superior. O recurso mais importante para aumentar essa oferta está sendo a Educação a Distância, método que já existe no país, em cursos ministrados de forma sistemática, desde 1939. (BALMANT, 121, 2006).

Também favorecem o crescimento desta modalidade de educação as dimensões continentais do país, o quinto maior do mundo em extensão territorial, posta a “enormidade de

² Segundo dados do Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância 2006.

³ Consórcio patrocinado pelo governo e destinado a 5.561 cidades brasileiras, principalmente ao público que não dispõe de ensino superior, aberto a 55 universidades federais e aos 30 Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets) espalhados pelo país.

cidadãos que não têm acesso ao ensino superior, por estarem distantes das escolas ou por ausência de docentes”. (BALMANT, 121, 2006)

Dados do Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (Abraead) demonstram que apenas em 2005 foram encontradas 217 instituições praticando EAD de forma autorizada e credenciada. Valor que representa um crescimento de 30,7% em relação às instituições que havia no ano anterior (166 instituições, no ano de 2004).

Não apenas o número de instituições credenciadas pelo MEC aumentou; o de pessoas atendidas por essas ferramentas e o número de cursos também. O Abraead indica que o número de alunos cresceu ainda mais na comparação entre dois anos, indo de 309.957 em 2004 para 504.204 em 2005. Um crescimento de 62,6%.

Pelo menos 1.278.022 de brasileiros estudaram por EAD no ano de 2005, tanto por cursos oficialmente credenciados quanto por grandes projetos nacionais públicos e privados.

Além disso, a EAD tornou-se um dos principais métodos de aprendizagem corporativo do Brasil. No segmento empresarial, a oferta cresceu em 65% em 2005 graças ao potencial que a ferramenta tem de auxiliar as organizações no processo de capacitação de seus funcionários.

2.2.1 Qualidade de Aprendizagem

O ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), aplicado por amostragem em todo país para avaliar o desempenho de estudantes do Ensino Superior, é respondido não apenas por alunos de cursos presenciais, mas também por alunos de cursos ministrados a distância. Estes respondem às provas em sala de aula, presencialmente, assim como aqueles.

Dados publicados pelo MEC em 2007 demonstram que em sete das treze áreas onde a comparação é possível, a média geral dos alunos de cursos não presenciais superou os demais (PIRES, 2007).

Na avaliação do desempenho dos ingressantes (apenas alunos de primeiros semestres), alunos de EAD apresentaram notas mais altas que a dos alunos de cursos presenciais em nove cursos. Portanto, os dados do ENADE mostram que os estudantes por EAD têm desempenho médio superior aos dos alunos da educação presencial.

Embora a EAD seja uma modalidade que não tem como objetivo competir ou eliminar a existência e qualidade do ensino presencial, dados como os acima citados colaboram com a criação de uma nova consciência, segundo a qual os cursos e alunos em modalidade de ensino e aprendizagem a distância não sofram preconceitos ou sejam considerados inferiores com relação aos alunos de cursos ministrados presencialmente.

2.2.2 Evasão

Índices de crescimento tão otimistas não eliminam, porém, um dos temas mais relevantes em EAD, que apresenta números igualmente elevados, a evasão. De acordo com a Abraead, chega a 77% o número de escolas da amostra que indicam evasão menor ou igual a 30%, sendo que 7,1% indicam evasão superior a 30%.

Considerando a evasão como um fator freqüente em cursos a distância, conforme afirmado em diferentes artigos, o êxito do curso pode ser influenciado por fatores como: uma definição clara do programa, a utilização correta do material didático, o uso correto de meios apropriados que facilitem a interatividade entre professores e alunos e entre os alunos e a capacitação dos professores. Além desses pontos, a evasão pode também ser influenciada por necessidades individuais e regionais e pela avaliação do curso. Dessa maneira a análise desses fatores pode ser preventiva na redução da evasão na EAD. (MAIA, 2004)

A manutenção da atenção remota ao aluno é um dos fatores que, entre outros, pode influenciar na significativa diferença nos índices de alunos evadidos de cursos a distância quando comparados aos números de evasão das modalidades presenciais.

Outros aspectos também são considerados com relação aos altos índices de evasão em EAD. Segundo Coscarelli (2001) há alguns equívocos que são comuns, talvez em função das propagandas feitas para divulgar esse veículo de ensino e aprendizagem. Muitas pessoas acreditam que a distância poderão aprender rapidamente, com facilidade e sem que seja necessário despender muito tempo às atividades acadêmicas. Este pensamento pode ser agente fundamental no abandono do curso, quando o aluno depara com as primeiras dificuldades inerentes a todo processo de construção do conhecimento.

2.3 Uma Educação Feita a Distância

Muitas são as definições do termo Educação a Distância. Para fins deste estudo, consideramos coerente apresentar definições que expressem a totalidade desta modalidade de ensino e de aprendizagem e ainda, aquelas que representem a educação a distância tal como é realizada no Brasil.

Estudo realizado por Landim (1997) analisa vinte e uma diferentes definições do termo Educação a Distância e a partir destas origina uma listagem com oito características principais da modalidade de ensino. A incidência de cada um dos itens listados pela autora nas definições analisadas varia entre 15 e 95%. De acordo com Landim, as características conceituais da Educação a Distância, por ordem de incidência, são: separação professor-aluno, meios técnicos, organização (apoio-tutoria), aprendizagem independente, comunicação bidirecional, enfoque tecnológico, comunicação massiva e procedimentos industriais.

O artigo primeiro do Decreto n.º 5.622, de 19 de dezembro de 2005, propõe como Educação a Distância uma modalidade educacional cuja mediação entre sujeitos (professores, alunos, tutores) e material didático se dá por “meios tecnológicos de informação e comunicação” e na qual os sujeitos encontram-se em lugares fisicamente distantes.

Relacionando a definição proposta pelo Decreto com os itens levantados por Landim, percebe-se que a legislação brasileira atende a todos os pontos definidos pela autora como conceituais para a EAD. Ou seja, as características conceituais da EAD estão de alguma forma representadas na definição adotada pela legislação brasileira.

Conclui-se, portanto, que a EAD requer, essencialmente, a utilização de tecnologias de informação e comunicação que possam mediar o diálogo entre professores e alunos e também entre os alunos, de maneira a dispensar a presença constante dos mesmos em uma sala de aula, durante o período de duração do curso. Considera-se ainda a autonomia como característica fundamental ao aluno que ingressa em um curso realizado a distância, mesmo que a evolução dos meios de comunicação disponibilize hoje diversos recursos de interação entre os sujeitos.

2.3.1 Legislação

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, de 20 de fevereiro de 1996 (Lei Federal n. 9.394) representa o marco inicial da regulamentação da Educação a Distância no ensino formal no Brasil. Em seu artigo 80, a Lei contém disposições sobre esta modalidade de ensino. O título VIII, Das Disposições Gerais, esclarece que:

- A educação a distância será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União;
- Caberá à União regulamentar requisito para realização de exames, para registro de diplomas relativos a cursos de educação a distância.

Desta forma, a lei estabeleceu que enquanto o Poder Executivo Federal não regulamentasse esses aspectos, as demais disposições também permaneceriam sem efetivação. São as demais disposições:

- O Poder Público deve incentivar o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância que se desenvolve em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação continuada;
- A educação a distância organiza-se com abertura e regime especiais;
- Caberá aos sistemas de ensino normatizar a produção, controle e avaliação de programas e autorizar sua implementação;
- Poderá haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas;
- A educação a distância terá tratamento diferenciado, que incluirá:
 - custos reduzidos na transmissão por rádio e televisão;
 - concessão de canais exclusivamente educativos;
 - tempo mínimo gratuito para o Poder Público, em canais comerciais.

Além do artigo 80, a mesma Lei refere-se à Educação a Distância em outros artigos, como por exemplo:

Art.32 § 4º - determina que o Ensino Fundamental seja presencial, limitando a utilização da Educação a Distância, nesse nível, a dois casos: complementação da aprendizagem e situações emergenciais;

Art. 47 § 3º - Com relação ao Ensino Superior, isenta professores e alunos da frequência obrigatória nos programas de Educação a Distância;

Art. 87 § 3º - no item II, que trata da década da educação, estabelece que devem ser oferecidos “cursos a distância para jovens e adultos insuficientemente escolarizadas”. Ainda no item III, determina a realização de “programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isso recursos da educação a distância”;

Art. 37 § 1º - há uma referência implícita à educação a distância quando, ao tratar da educação de jovens e adultos, estabelece que os sistemas de ensino assegurarão “... oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames”.

2.3.2 O Decreto

O Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005, regulamenta o artigo 80 da LDB. Antes deste existiram outros dois Decretos com a mesma finalidade: Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998 e o Decreto nº 2.561, de 27 de abril de 1998, embora o segundo tenha sido redigido apenas para substituir os artigos 11 e 12 do Decreto anterior que tratavam sobre aspectos de credenciamento das instituições.

A legislação em questão regulamenta a oferta de cursos e programas de pós-graduação a distância, oferta de educação de jovens e adultos, educação especial e educação profissional na modalidade a distância, na educação básica, credenciamento de instituições para oferta de cursos e programas na modalidade a distância.

A atual legislação (Decreto 5.622) difere-se da anterior logo no primeiro artigo, ao tratar da concepção de EAD. Comparativamente, podemos observar que a atual definição adotada na legislação brasileira apresenta uma visão mais atual e dinâmica da modalidade, admitindo termos como “meios e tecnologias de informação e comunicação” em lugar de “diferentes suportes de informação”.

Art. 1º (...) caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (Decreto 5.622/05)

A atual redação admite também a possibilidade de interação entre alunos e professores e entre os alunos, enquanto a legislação anterior fixava-se mais na EAD como um processo de “auto-aprendizagem”.

Art. 1º. Educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação. (Decreto 2.561/98)

O mais recente Decreto define, no parágrafo primeiro, do primeiro artigo, que a EAD tem obrigatoriedade de encontros presenciais nas situações de avaliação, estágio obrigatório, defesa de trabalho de conclusão e atividades relacionadas a laboratórios de ensino. Acrescenta ainda o artigo 4 que a avaliação do estudante para fins de promoção, conclusão de estudos e obtenção de diploma dar-se-á no processo, mediante:

I - cumprimento das atividades programadas; e

II - realização de exames presenciais. (resultados os quais deverão prevalecer sobre quaisquer outra forma de avaliação não-presencial).

O Art. 2 apresenta os níveis de ensino que podem ser ofertados a distância – educação básica, educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional (nos níveis técnico, médio, tecnológico, superior e especializações *lato e stricto sensu*), observando-se as respectivas disposições pra os diferentes níveis e modalidades da educação nacional.

É importante ressaltar também que, de acordo com o Artigo 3 deste Decreto, a duração dos cursos ministrados em EAD deve ser a mesma que os da modalidade presencial.

O Decreto esclarece também sobre a utilização dos Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância, definidos pelo Ministério da Educação, em colaboração com os sistemas de ensino (artigo 7, parágrafo único).

Uma importante referência deste Decreto é com relação à avaliação da educação superior a distância. Conforme estabelecido no art. 16, “O sistema de avaliação da educação superior [Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior SINAES]⁴, nos termos da Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, aplica-se integralmente à educação superior a distância”.

⁴ O SINAES realiza a avaliação de instituições, de cursos e de desempenho dos estudantes. A avaliação do desempenho dos estudantes dos cursos de graduação é realizada mediante aplicação do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes - ENADE. Dados do MEC comprovam quem, em 2007, estudantes da modalidade não presencial tiveram desempenho melhor que os estudantes de cursos presenciais.

O referido Decreto foi ainda responsável pelo estabelecimento de uma política que garanta a qualidade no tocante aos variados aspectos ligados à modalidade de educação a distância, notadamente ao credenciamento institucional, supervisão, acompanhamento e avaliação, harmonizados com padrões de qualidade enunciados pelo Ministério da Educação.

No parágrafo único do artigo 7º estabelece que os Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância pautarão as regras para a regulação, supervisão e avaliação dessa modalidade.

2.4 Referenciais de Qualidade Para Educação a Distância

O contexto atual da Educação a Distância no Brasil como modalidade de ensino e aprendizagem aliada do Governo Federal para atendimento de grande parcela da população desprovida do acesso à Educação Superior, com números de alunos, instituições legalmente credenciadas e oferta de cursos em crescimento, demandou a necessidade da criação de um referencial que estabelecesse critérios com relação à qualidade e validade de seu oferecimento. Assim surgiu a primeira versão do documento “Referenciais de qualidade para educação a distância”, em 2003.

Entretanto, fatores como a renovação da legislação que regulamenta a EAD no Brasil (Decreto 5.622, de 20 de dezembro de 2005) e a própria dinâmica do setor, fizeram necessária a renovação do documento, em 2007.

Uma comissão de especialistas sugeriu as mudanças necessárias, que foram posteriormente submetidas à consulta pública a fim de receber sugestões e críticas que foram analisadas e incorporadas ao documento.

Os referenciais de qualidade não têm força de lei, mas apresentam-se como norteadores para os atos de credenciamento, supervisão e avaliação da modalidade.

Primar pela qualidade da educação que se operacionaliza a distância é primar, sobretudo, pela qualidade do Ensino Superior no Brasil, dada a crescente demanda de alunos atendidos e formados por EAD.

[O documento que define os referenciais de qualidade da educação a Distância no Brasil foi] Elaborado a partir de discussão com especialistas do setor, com as universidades e com a sociedade. Ele tem como preocupação central apresentar um conjunto de definições e conceitos de modo a, de um lado, garantir qualidade nos processos de educação a distância e, de outro, coibir tanto a precarização da educação superior, verificada em alguns modelos de oferta de EAD, quanto a sua oferta indiscriminada e sem garantias das condições básicas para o desenvolvimento de cursos com qualidade. (MEC/Referenciais de Qualidade para Educação a Distância, 2007).

Os referenciais de qualidade para a EAD estão fundamentados em três categorias principais: aspectos pedagógicos, recursos humanos e infra-estrutura. Tais categorias são expressas no Projeto Político Pedagógico (PPP) dos cursos da modalidade, no que concerne a concepção de educação e currículo no processo de ensino e aprendizagem; sistemas de comunicação, material didático, avaliação, equipe multidisciplinar, infra-estrutura de apoio, gestão acadêmico-administrativa e sustentabilidade financeira.

De acordo com o documento, embora a educação que se operacionaliza na modalidade em questão possa apresentar diferentes formas de organização é necessário atentar que é, sobretudo, uma modalidade de EDUCAÇÃO, e posteriormente observar as particularidades oriundas do fato de ser esta a DISTÂNCIA.

Entre outras coisas, o documento em estudo (MEC/Referenciais de Qualidade para Educação a Distância, 2007) enfatiza as seguintes questões:

2.4.1 Concepção de Educação e Currículo no Processo de Ensino e Aprendizagem

As Instituições de Educação Superior (IES) devem explicitar em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) sua opção epistemológica de educação, currículo, ensino, aprendizagem e perfil do estudante que deseja formar. É a partir destas opções que se delinham os materiais didáticos, a tutoria e a avaliação das aprendizagens.

É também no PPP que a instituição define o uso das tecnologias de informação e comunicação. Este deve estar apoiado em uma filosofia de aprendizagem que permita aos estudantes a interação, para desenvolvimento de projetos compartilhados e de construção conjunta do conhecimento.

Outra referência importante, feita pelo documento, é a necessidade dos cursos a distância promoverem um módulo introdutório que propicie aos alunos o aprendizado da

manutenção e utilização das ferramentas tecnológicas que dão suporte ao curso. De tal forma que dinâmica futura das aprendizagens não seja prejudicada pelo desconhecimento dos meios utilizados pela instituição para interação entre alunos, professores, tutores e material didático.

2.4.2 Sistemas de Comunicação

Sendo o aluno o centro do processo de aprendizagem, uma característica fundamental de um curso superior a distância de qualidade é a condição das interações que são permitidas pelas tecnologias que mediam o curso.

Sabemos que a evolução da EAD está historicamente vinculada ao surgimento e avanço dos meios tecnológicos de comunicação e informação. Entretanto, embora os meios (TIC's) sejam fundamentais a toda metodologia de aprendizagem que se operacionaliza a distância, é fundamental que a instituição que oferece o curso esteja atenta à maneira como a utilização de tais recursos será feita.

Os Referenciais de qualidade para educação a distância no Brasil são claros quando especificam que a qualidade de um curso a distância está também intimamente ligada à qualidade das interações permitidas pelos recursos e metodologias utilizadas.

O atendimento aos processos de qualidade na EAD passa também pelas condições de telecomunicações (telefone, fax, correio eletrônico, videoconferência, fórum de debate pela Internet, ambientes virtuais de aprendizagem, etc.), que assegurem uma interação dinâmica entre alunos, professores, material didático e tutores.

Cabe salientar que também o documento faz referência à comunicação específica entre os alunos, e não apenas entre estes e os professores e tutores. A integração entre colegas, além de permitir a construção do conhecimento, auxilia na construção do sentimento de pertencimento a um grupo, de maneira a diminuir os índices de evasão, tão altos em EAD.

Além disso, o documento faz referência ao que já está previsto em lei. A obrigatoriedade de encontros presenciais, como meio de garantir a qualidade dos cursos. Para tanto, pólos presenciais descentralizados devem ser oferecidos pelas instituições e a quantidade de encontros é definida de acordo com a natureza e especificidades do curso.

Os Referenciais atentam também para os mecanismos de recuperação de estudos e avaliação, bem como previsão de métodos avaliativos que levam em conta os ritmos de aprendizagem de cada sujeito.

2.4.3 Material Didático

Todo o material didático utilizado nos cursos deve estar em consonância com os termos previsto no PPP da instituição. Além disso, o material deve passar por um rigoroso processo de testagem para que aconteça o aperfeiçoamento do mesmo e a conseqüente qualidade do material.

Assim, a vasta possibilidade de mídias e suportes ao material didático, que é permitida pelas TIC's, deve ser avaliada para que o material didático seja produzido de acordo com o público alvo a que se destina.

Uma questão que vale ressaltar é que a produção do material didático dos cursos a distância apresenta características diversas das do material produzido para aulas presenciais. É necessário que os professores aliem-se a equipes multidisciplinares com profissionais especialistas em desenho instrucional, diagramação, ilustração, desenvolvimento de páginas *web*, entre outros, para que o material possa suprir as especificidades dos cursos a distância.

2.4.4 Avaliação

Um projeto de Educação a distância deve ser avaliado segundo a perspectiva da aprendizagem e também segundo a perspectiva da instituição.

A avaliação de aprendizagem deve ser um processo contínuo, que participe constantemente dos progressos e construções do aluno, de maneira a estimulá-lo a ser ativo na construção do próprio conhecimento.

As avaliações de aprendizagem dividem-se nas modalidades a distância e presencial, de maneira que os resultados desta última, em concordância com o Decreto que regulamenta a EAD no Brasil, devem prevalecer sobre quaisquer outras avaliações realizadas a distância.

Quanto à avaliação institucional, as próprias instituições devem prepará-las, incluindo sistemas de ouvidoria que permitam o constante aperfeiçoamento dos serviços oferecidos, coerente com o Sistema de Avaliação da Educação Superior (SINAES).

São necessárias ainda ferramentas que permitam a avaliação dos estudantes, práticas educacionais dos professores e tutores, material didático, currículo, corpo docente, instalações físicas, qualidade dos pólos presenciais e seus devidos coordenadores.

O documento atenta também para as competências do docente em EAD

Em primeiro lugar, é enganoso considerar que programas a distância minimizam o trabalho e a mediação do professor. Muito pelo contrário, nos cursos superiores a distância, os professores vêem suas funções se expandirem, o que requer que sejam altamente qualificados. (MEC/Referenciais de Qualidade para Educação a Distância, 2007).

Entre uma série de competências listadas, vale ressaltar: elaborar o material didático para programas a distância, realizar a gestão acadêmica do processo de ensino-aprendizagem, em particular motivar, orientar, acompanhar e avaliar os estudantes e avaliar -se continuamente como profissional participante do coletivo de um projeto de ensino superior a distância.

Além dos professores, os tutores também apresentam papel fundamental no desenvolvimento de cursos a distância. A tutoria pode ser presencial ou a distância. O referido documento estabelece que

O tutor deve ser compreendido como um dos sujeitos que participa ativamente da prática pedagógica. Suas atividades desenvolvidas a distância e/ou presencialmente devem contribuir para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem e para o acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico. (MEC/Referenciais de Qualidade para Educação a Distância, 2007).

2.4.5 Infra-Estrutura de Apoio

Nem só de espaços virtuais operacionaliza-se um curso a distância. Recursos humanos e infra-estrutura física e material são definidos de acordo com o número de estudantes, de recursos tecnológicos envolvidos e a extensão do território a ser atendido.

Como infra-estrutura material entende-se equipamentos de televisão, videocassetes, áudio-cassetes, fotografia, impressoras, linhas telefônicas, inclusive dedicadas para Internet e serviços 0800, fax, equipamentos para produção audiovisual e para videoconferência, computadores ligados em rede e/ou *stand alone* e outros, dependendo da proposta do curso.

Além disso, o fato do curso ser a distância não exime a instituição da necessidade de contar com centros de documentação, mídiotecas, bibliotecas que promovam suporte a professores, tutores e alunos.

Outro recurso físico indispensável a qualquer IES a distância são os pólos presenciais. Segundo a Portaria Normativa nº 02/2007, § 1º, “o pólo de apoio presencial é a unidade operacional para desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância”.

São nestas unidades que se realizam as atividades presenciais previstas em lei, bem como avaliação de estudantes e apresentação de trabalhos de conclusão de curso. Nos pólos existem também, quando necessário, laboratórios de estudos específicos, salas para videoconferência e estudos individuais ou em grupo, laboratório de informática e biblioteca.

2.4.6 Gestão Acadêmico-Administrativa

Para que um estudante de um curso a distância disponha das mesmas condições que um aluno da modalidade presencial o sistema acadêmico deve priorizar que aquele, mesmo geograficamente distante, disponha de acesso a matrículas, inscrições, requisições, acesso a informações institucionais, secretaria, tesouraria, etc. A logística do processo de EAD precisa ser rigorosamente supervisionado, para que as suas falhas não desestimulem o estudante.

Portanto, a instituição deve explicitar em seu referencial de qualidade, os processos de gestão no que concernem a serviços básicos como controle logístico os encontros presenciais, controle de produção e distribuição de material didático, controle de avaliação de aprendizagem, registro de resultados de todas as avaliações realizadas pelo estudante, possibilidades para que o professor tenha autonomia na laboração, gestão e gerenciamento do conteúdo, entre outros.

2.4.7 Sustentabilidade Financeira

Inicialmente, a criação de uma instituição superior a distância envolve um investimento financeiro elevado, na medida em que necessita de produção de material didático, capacitação de equipes multidisciplinares, pólos de apoio presenciais, etc.

Conclui-se que, em curto prazo, não há uma adequada relação entre custos e benefícios. Os benefícios financeiros, neste caso, devem ser avaliados na perspectiva de médio prazo.

Especialistas afirmam que a necessidade constante de aperfeiçoamento e manutenção de recursos tecnológicos mais poderosos mantém o custo de uma IES a distância muito alto, durante todo o período de existência da mesma.

A existência e necessidade de um documento que referencie os termos de qualidade para cursos e instituições na modalidade a distância justifica-se nos atos de credenciamento dos mesmos, que são realizados pelo Ministério da Educação.

É a partir destes referenciais de qualidade para EAD, emitidos pelo MEC que o próprio Ministério realiza a avaliação dos cursos, por meio do SINAES.

Esta avaliação deve ser muito rigorosa de maneira a permitir o apenas o credenciamento dos cursos e instituições que o mereçam, assegurando um padrão de qualidade não apenas para a modalidade aqui discutida, mas também para o Ensino Superior, de maneira geral.

2.5 Os Mitos da Educação Fácil

Embora a Educação a Distância tenha alcançado inúmeros avanços nos últimos anos, a modalidade ainda esbarra em grandes obstáculos, dentre os quais destacam-se os mitos e preconceitos que a cercam, principalmente nos meios não especializados na área, como é o caso das mídias que veiculam as propagandas dos cursos na modalidade.

Inúmeras instituições públicas e privadas e também o Governo Federal têm gerado esforços no sentido de aprimorar e expandir a oferta de vagas e de assegurar a qualidade dos cursos.

Entretanto, fantasias envolvendo temas como a “facilidade” da EAD e de sua “pouca profundidade”, em comparação com os cursos presenciais, ainda permeiam grande parte dos debates que são travados entre leigos sobre a qualidade de cursos a distância e da viabilidade de realizá-los.

A crença nos mitos e preconceitos que ainda fazem parte do imaginário popular com relação à EAD é prejudicial em muitos sentidos. Aqueles que ingressam como alunos em um curso à distância, acreditando que o mesmo apresentará baixos níveis de exigência e rigor

acadêmico ou mesmo que não há necessidade de dispor de tempo à execução das tarefas, podem acabar aumentando as estatísticas de evasão da modalidade.

Conforme afirma Coscarelli: “A Internet agiliza, mas o índice de desistência é grande pela falta de disciplina, pela ilusão de que se aprenderia sem fazer esforço e sem gastar tempo, e às vezes pela própria dinâmica do curso.” (2001, p. 58)

A falsa percepção de que a EAD seja mais fácil do que a educação presencial pode ser influenciada por fatores como a conveniência do aluno em estipular seus horários - um dos grandes trunfos da EAD. É justamente neste ponto que se esconde uma armadilha: embora a modalidade permita maior flexibilidade de horários, o aluno que não estabelece momentos alternados, mas constantes, de acesso ao curso e elaboração dos materiais, pode acabar por acumular demasiadas tarefas que, na impossibilidade de serem realizadas, levam à desistência do curso.

Profissionais que deixam de contratar alguém pela natureza não presencial do curso do candidato à vaga também podem acabar perdendo gratas oportunidades. Os alunos desta modalidade costumam ser autônomos e apresentar facilidade para partilhar conhecimentos e fazer interações, dada a natureza cooperativa e interativa das aprendizagens que se operacionalizam hoje em ambientes virtuais de aprendizagem. De acordo com Coscarelli (2001), o curso a distância depende muito da participação do aluno, demanda disciplina, autonomia e aprendizagem, e não só das atividades propostas pelo professor.

De acordo com o Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância de 2006, educadores de uma maioria de todas as instituições de EAD acreditam que para obter êxito nos estudos, os alunos de cursos não presenciais precisam despender mais esforços do que os alunos dos cursos presenciais.

Outro grande equívoco relacionado à EAD, conforme Araújo e Hora (1998) reside na confusão que muitos fazem ao compará-la com ensino por correspondência. Embora a história desta modalidade esteja inegavelmente vinculada ao que se chamou ensino por correspondência, a atual configuração dos cursos é muito mais dinâmica, interativa e rigorosa, graças às possibilidades advindas da evolução das TICs. Com relação às habilidades de cooperação e interação desenvolvidas em cursos a distância, Mata (1994) afirma que a EAD tem demonstrado, nos últimos anos, farta condição de absorver procedimentos metodológicos, aproveitando os meios tecnológicos de comunicação que se mostram cada vez mais interativos.

Mesmo com um contexto muito mais qualificado, muitas críticas continuam se referindo aos conteúdos resumidos da EAD e à falta de contato pessoal até os dias de hoje.

Tais argumentos desconsideram as pesquisas para a evolução da tutoria a distância, das ferramentas de interação e muitos outros aperfeiçoamentos pedagógicos e tecnológicos voltados para a elaboração de cursos de qualidade.

Outro mito que normalmente vem à tona quando trava-se um debate entre leigos sobre questões pertinentes à EAD é a realização e efetividade da avaliação de um curso a distância. Inúmeros são os questionamentos daqueles que defendem a não credibilidade da Educação a Distância: qual a confiabilidade e a experiência de uma instituição nesta área? E a qualificação do corpo docente? E quanto à abordagem pedagógica e às metodologias utilizadas? Quais são os materiais didáticos? Há um ambiente virtual? Os prazos estipulados possuem flexibilidade? Como funciona a tutoria? E a interação entre os alunos? Será que o curso é reconhecido pelo MEC?

Para todas as questões acima há referências em lei ou documentos legais que formalizam a qualidade dos procedimentos na modalidade, como o Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que regulamente a EAD no Brasil e os Referenciais de Qualidade para Educação a Distância.

A avaliação em EAD também se configura como mito quando se refere à verificação da qualidade das aprendizagens dos alunos. Justamente por isso é que a legislação brasileira impõe que, além de serem obrigatórias avaliações de caráter presencial o valor destas prevaleça sobre quaisquer outras avaliações realizadas a distância, conforme determinado no parágrafo segundo, do artigo quarto, do Decreto 5.622 de 19 de dezembro de 2005. Cabe aqui salientar que o tema avaliação é controverso mesmo na educação presencial.

Outra quimera associada à Educação a Distância pode estar vinculada aos valores e lucros procedentes da modalidade. Os valores pagos pelos estudantes da modalidade, são normalmente menos onerosos que os da educação presencial. Muitos podem acreditar que o valor associado ao curso seja diretamente proporcional à qualidade do mesmo.

Mesmo assim, aqueles que valem-se da idéia de curso com baixos custos para aderir à modalidade podem esbarrar em mais uma desilusão que colabora para o crescimento dos índices de evasão em EAD. Basta lembrar que, embora em alguns casos o custo do curso possa ser menor, há situações em que o aluno precisa deslocar-se – até por longas distâncias - para assistir às aulas e atividades presenciais previstas em lei. Além disso, é possível que o aluno ingressante na modalidade precise adquirir um computador ou atualizá-lo, associando-se também um serviço de banda larga, uma vez que o acesso por computador à Internet é indispensável .

Gastos extraordinários, como a compra de livros e apostilas, despesas decorrentes de impressões também fazem parte do cotidiano do aluno que opta por um curso na modalidade a distância.

Contudo, os preconceitos sobre EAD não restringem-se ao imaginário do público leigo em geral. Segundo representantes do setor (SEM FRONTEIRAS, 2006) é da academia que ainda vem as mais duras críticas à Educação a Distância. Muitos professores ainda demonstram desconfianças com relação às metodologias adotadas para a modalidade e sobretudo, muitos mostram-se incrédulos com relação a empresários que poderiam investir no sistema para economizar com a infra-estrutura física do curso. Também dados do AbraEAD demonstram a resistência do corpo docente com relação à modalidade.

A expansão geral dos cursos e programas *on-line* não tem resultado positivo na aceitação da aprendizagem a distância pelo corpo docente; continua existindo apenas uma minoria de líderes acadêmicos que concorda que seu corpo docente aceite o valor e a legitimidade da educação *on-line*. (LITTO, 2006, p.15)

Muitos dos mitos e preconceitos com relação à EAD aqui citados já podem ser desmistificados por índices estatísticos e pelos documentos legais que regulamentam a modalidade no Brasil.

Contudo, é importante salientar que a Educação a Distância, como qualquer outra modalidade de ensino, é passível de críticas e constantes melhorias. Temos presente que a EAD não é panacéia, um remédio milagroso para todos os males da educação em nosso país. Nem mesmo é uma forma de reduzir as obrigações do Estado com relação à oferta de vagas na Educação Básica ou Superior.

Nosso objetivo, ao analisar e procurar ressignificar as afirmações pejorativas – ou mesmo, precipitadas – sobre este tema, é o de ressaltar a grande aplicabilidade da Educação a Distância, que já vem sendo realizada com êxito há bastante tempo, mas que permanece à margem da credibilidade.

2.6 A Mídia e a Criação dos Mitos

A mídia apresenta-se hoje como uma das mais poderosas instituições paradigmáticas na produção e difusão dos elementos da cultura e dos elementos de valor simbólico.

Entre as várias instituições sociais responsáveis pela transmissão de formas simbólicas, como igrejas, escolas e universidades, a mídia apresenta-se hoje como uma das instituições sociais que, através dos meios de informação e comunicação, atua fortemente na produção e difusão da atividade simbólica.

Thompson (1998), ao apresentar as diferentes formas de poder, destaca como poder cultural ou simbólico aquele que se forma a partir da produção, transmissão e recepção do significado das formas simbólicas. O autor define poder como sendo “a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos e interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas conseqüências” (p.21).

O impacto social dos conteúdos veiculados pela mídia tem grandes proporções. Na vida cotidiana, como nas mais variadas relações sociais, o poder simbólico instituído pelos meios de comunicação e informação tem influenciado decisões, crenças, preconceitos e eventos.

As ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrever, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva. Usarei o termo “poder simbólico” para me referir a esta capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio de produção e de transmissão de formas simbólicas. (THOMPSON, 1998, p.24)

Não se pode, certamente, atrelar ao conteúdo simbólico veiculado pela mídia todos os males e preconceitos relacionados à modalidade de ensino e aprendizagem. Tampouco se pode evidenciar em qual medida o conteúdo das campanhas publicitárias influencia as massas na crença de que a EAD seja uma modalidade menos eficiente que a presencial.

Entretanto, a análise de diferentes anúncios de cursos e instituições educativas da modalidade não presencial evidencia muitos dos preconceitos relacionados à EAD.

Távola (1984) ao definir o curso da comunicação, estabelece que esta apresenta três instâncias de igual valência. São os níveis patente, latente e jacente.

O nível patente analisa os elementos concretos da imagem ou da fala/escrita. É a apropriação racional de tudo que pode ser verbalmente apresentado, sendo também a parte do discurso que vigora.

O nível latente representa tudo aquilo que, embora não esteja diretamente expresso no discurso ou na imagem, está oculto, implícito em qualquer ato comunicativo.

O terceiro nível, jacente, é o mais complexo de ser analisado. Representa tudo aquilo que jaz por trás de qualquer representação comunicativa.

Aquilo que jaz por trás dos elementos simbólicos da representação comunicativa, embora não possa ser efetivamente conceituado ou racionalizado, possui uma força poderosa.

As questões simbólicas depreciativas com relação à Educação a Distância veiculadas em campanhas publicitárias, não se dão de forma direta, no discurso claramente colocado, no nível patente, mas na esfera subliminar. Este conteúdo implícito na comunicação, os níveis latente e jacente, é o que Távola (1984), denominou de incurso.

O incurso é o que lateja e jaz no cerne da comunicação, embora preceda-a. Toda comunicação tem ser caráter marcado pelo incurso; ele é um timbre interno; dos mais complexos intracomponentes de uma comunicação. O incurso não opera sobre o que é patente na comunicação, e sim sobre o que é latente ou jacente. Nele convivem, concomitantes e paralelas, a ideologia e a mitologia. (TAVOLA, 1984, p.259)

A intenção de divulgar e popularizar o conceito de Educação a Distância, de atrair um número maior de pessoas para estudar na modalidade parece ser o que impele as campanhas publicitárias a destacar aspectos puramente práticos dos cursos. Ainda que uma análise direta daquilo que é patente no discurso escrito ou nas imagens apresentadas não demonstrem claramente estes preconceitos, pode-se perceber a intenção implícita de vender a ideologia de uma educação fácil, sem muitas exigências e com isso atrair mais alunos para os cursos.

Embora a intenção da instituição que promove uma campanha publicitária de seus cursos não seja a de menosprezar ou criar em torno da modalidade uma aura de preconceitos, o que se percebe em muitos casos são muitos conceitos ou pré-conceitos implícitos que incorrem no erro de promover a EAD como educação de menor qualidade.

Qualquer programa de televisão [ou campanha publicitária] culto ou não, educativo ou não, agradável ou não, carrega signos: a forma de apresentação; a fala; a roupa; o repertório conceitual; a técnica de realização; o cenário; a escolha do tema abordado. Tudo são signos que podem ser “lidos”, leitura que permite entender ou alcançar além do que está especificamente sendo transmitido. Vários signos não são de apreensão imediata. Seus efeitos operam independente da consciência que despertam. (TAVOLA, 1984, p.251)

Uma análise mais abreviada poderia afirmar que nenhuma campanha publicitária tem como intenção a depreciação da modalidade. Como, por exemplo, a campanha que, ao

apresentar uma mãe com um filho no colo, mostra-lhe acessando por meio do computador o ambiente de aprendizagem de uma modalidade de ensino não-presencial

Embora a EAD caracterize-se fortemente pela facilitação dos horários de estudos e da não necessidade de deslocamentos constantes, apresentar de tal forma uma mãe estudante com um filho pequeno pode transparecer a idéia de que o curso não lhe tomará demasiado tempo, ou que as atividades serão desenvolvidas facilmente, mesmo considerando a ampla quantidade de cuidados que um filho pequeno demanda.

Sabe-se que muitas são as mães que conseguem conciliar os estudos com os deveres maternos. Entretanto, organização e disponibilidade são necessárias até mesmo para elas.

Neste contexto é que Távola (1984) defende que “há, portanto, na mais corriqueira frase de uma entrevista ou acontecimento mais simples, um elemento de natureza ideológica eternamente incurso” (p. 281)

Se mídia em geral está apoiada no gênero textual da persuasão, as propagandas publicitárias, sobretudo, objetivam persuadir determinado público à utilização ou compra dos bens divulgados. Convencer o aluno em potencial a escolher a EAD em detrimento do ensino presencial, persuadi-lo de que esta modalidade lhe será melhor, passa pela exploração dos aspectos práticos da modalidade.

Sendo assim, não caberia, portanto, às campanhas publicitárias que divulgam cursos a distância, promover a idéia, já alertada por pesquisas como do Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância 2006 (Abraead), de que para que o aluno da modalidade a distância obtenha êxito, ele precisará de mais esforços que o aluno da modalidade presencial.

Se imaginarmos, no entanto, uma campanha publicitária que utilizasse como estratégia a idéia de que os cursos a distância exigem mais dos seus alunos que a modalidade presencial, qual conteúdo estaria incurso? Talvez o de que esta modalidade é mais trabalhosa para o aluno, mas também teria implícita, a idéia de que o aluno desta modalidade desenvolve conhecimentos e habilidades qualificados.

Não é, entretanto, desta forma que ocorre a persuasão. Assim como a mídia procura destacar os aspectos facilitadores da modalidade, o público potencial de um curso a distância também deseja, em sua maioria, “comprar” a idéia da facilidade.

A Educação a Distância, como qualquer modalidade de ensino e aprendizagem, apresenta aspectos práticos e onerosos. Se de um lado ela permite maior flexibilização de horários e deslocamento, ela exige, por parte do aluno, que este apresente altos níveis de autonomia e proatividade para a construção de um conhecimento de qualidade.

É importante que, ao levarmos em conta a quantidade crescente de alunos formados por esta modalidade e as intenções do governo em promover a EAD como aliada para a obtenção de uma maior parcela da população com acesso ao ensino superior, reconheçamos o seu potencial e também suas limitações.

Acreditamos, entretanto, que os preconceitos com relação à modalidade sejam injustos. A mídia, a publicidade de massa, faz sua contribuição para a perpetuação e divulgação de idéias que não correspondem à realidade em EAD.

Embora não seja possível alterar a estrutura do mercado publicitário e de suas estratégias de venda, consideramos que a educação que se operacionaliza a distância possa ser divulgada ou mesmo vendida sem que com isso se colabore para a formação de uma ideologia que degrada e diminui aqueles que trabalham ou estudam a distância.

3 METODOLOGIA

O trabalho de pesquisa em questão é de caráter qualitativo, pela natureza do objeto analisado e dos objetivos aos quais nos propomos.

(...) a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação. Isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão. (MORAES, 2003, p. 191)

Os fins deste trabalho enquadram-se sob a temática da Educação a Distância, segundo a qual, analisamos prioritariamente as aproximações/distanciamentos entre o conteúdo veiculado pela mídia que divulga a Educação a Distância (EAD) e a visão dos alunos de uma instituição de EAD.

Para tanto, analisamos criticamente campanhas publicitárias que divulgam cursos/instituições de Educação a Distância. Consideramos a percepção dos sujeitos (alunos) da Educação a Distância sobre a qualidade dos cursos na modalidade não presencial.

A realização do processo que levou ao alcance dos objetivos propostos deu-se com a utilização da metodologia sugerida por Thompson (1995), Hermenêutica de Profundidade (HP), perpassada pela técnica de Análise de Conteúdo definida por Moraes (2003).

A HP foi aplicada na análise de formas simbólicas veiculadas em três campanhas publicitárias criadas para divulgar cursos ministrados a distância.

A técnica de Análise de Conteúdo foi utilizada na interpretação dos questionários respondidos por alunos de um curso de pós-graduação na modalidade não presencial. Os questionários foram entregues a 320 estudantes, dos quais apenas 47 foram respondidos e entregues em tempo hábil para a devida análise do material.

O questionário entregue aos estudantes de EAD apresentou as seguintes questões:

1. Quanto tempo do dia você dedica ao estudo?
2. Antes de ingressar em um curso operacionalizado a distância, que idéias você fazia a respeito desta modalidade de ensino?
3. Atualmente, como você avalia seu curso?
4. Se pudesse, você faria este mesmo curso, na modalidade presencial? Por quê?

5. Você acredita que um curso a distância pode formar um aluno tão bom quanto os cursos em modalidade presencial?
6. Em sua opinião, quais os aspectos positivos de um curso a distância?
7. Em sua opinião, quais os aspectos negativos de um curso a distância?
8. Ao ingressar neste curso, sua percepção com relação à Educação a Distância mudou? Se sim, o quê?

3.1 Hermenêutica de Profundidade

Hermenêutica de Profundidade (HP) é uma forma sistematizada de análise de formas simbólicas, proposta por Thompson (1995). A metodologia de pesquisa definida como HP caracteriza-se como um esquema intelectual que permite a análise sistemática das formas simbólicas.

Formas simbólicas são ações, objetos e expressões significativas de vários tipos. Elas estão inseridas em contextos e processos sócio-históricos específicos dentro dos quais, e por meio dos quais, são produzidas, transmitidas e recebidas.

Thompson (1995) propõe três momentos distintos e complementares para a análise das formas simbólicas. São eles: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação / re-interpretação. Essas fases não devem ser vistas como processos isolados de um método seqüencial, mas sim como dimensões analiticamente distintas de um processo interpretativo complexo.

A seguir, descrevemos cada um dos três momentos definidos pelo autor para a análise a qual nos propormos, neste trabalho.

3.1.1 Análise Sócio-Histórica

A tarefa da primeira fase do enfoque da Hermenêutica de Profundidade é reconstruir as condições e contextos históricos de produção, circulação e recepção das formas simbólicas, examinar as regras e convenções, as relações sociais e instituições, e a distribuição de poder, recursos e oportunidades em virtude das quais esses contextos constroem campos diferenciados e socialmente estruturados. (THOMPSON, 1995. p.369)

As formas simbólicas não subsistem em um vácuo. Elas são caracterizadas por condições de produção, circulação e recepção definidas por um determinado momento histórico. Assim, o objetivo desta fase é reconstruir essas condições. Para tanto, Thompson propõe a análise de quatro aspectos básicos de um contexto social.

O primeiro deles é a identificação e descrição das situações espaço-temporais em que as formas simbólicas são produzidas e recebidas. Trata-se de reconstruir o ambiente histórico das formas simbólicas em questão.

O segundo é a análise dos campos de interação das relações entre pessoas e as oportunidades acessíveis a elas.

O terceiro refere-se às instituições sociais, que são vistas como conjuntos relativamente estáveis de regras e recursos, juntamente com as relações sociais que são estabelecidas por eles. Diz respeito às assimetrias e diferenças relativamente estáveis que caracterizam as instituições sociais e os campos de interação.

O quarto e último momento da análise sócio-histórica caracteriza-se por apresentar o substrato material (meios técnicos) segundo o qual as formas simbólicas são produzidas e difundidas. Explicitar quais são os meios técnicos de construção de mensagem e de transmissão são de fundamental importância para uma contextualização sócio-histórica das formas simbólicas.

3.1.2 Análise Formal ou Discursiva

Neste momento da metodologia são analisadas as estruturas articuladas das formas simbólicas. Isto porque formas simbólicas são produtos de ações situadas que estão baseadas em regras, recursos, etc., disponíveis ao produtor; mas também algo mais, pois elas são construções simbólicas complexas, através das quais algo é expresso ou dito. Esta análise está preocupada com a organização interna das formas simbólicas, com suas características estruturais, seus padrões e relações.

Neste estudo, particularmente, a metodologia será aplicada para a análise das formas simbólicas manifestas em campanhas publicitárias de instituições e cursos de Educação a Distância. Cabe, portanto, destacar que de acordo com Thompson (1995):

Os comerciais oferecem campos de análise particularmente ricos, pois a maioria dos comerciais está baseada na lógica da associação ou deslocamento simbólico, em que as mercadorias são qualificadas através de sua associação a objetos desejáveis, pessoas com autoridade, etc., e em que a associação é estabelecida através da justaposição de palavras e imagens na forma ou formas simbólicas que constituem o comercial. (p. 370)

Embora esta etapa da metodologia seja fundamental para o sucesso da análise, é importante destacar que seu significado é parcial, uma vez que seu sentido só se complementa na medida em que se entrelaça às duas outras etapas do processo. Uma delas é a análise sócio-histórica – descrita anteriormente, e a Interpretação/Reinterpretação, que passamos a descrever a seguir.

3.1.3 Interpretação/Reinterpretação

A etapa de Interpretação/Reinterpretação se constrói sobre os resultados da Análise Discursiva e da Análise Sócio-histórica, mas implica também em um movimento novo de pensamento. É a síntese, a construção criativa de possíveis significados. Segundo Thompson (1995), a etapa de Interpretação é a “explicação interpretativa do que está representado ou é dito”. (p.375)

Além deste processo interpretativo, realiza-se também a Reinterpretação das formas simbólicas. De acordo com o autor, “as formas simbólicas podem ser analisadas mais além, em relação tanto às suas condições sócio-históricas como a suas características estruturais internas, e elas podem, por isso, ser reinterpretadas”. (p. 376).

3.2 Análise de Conteúdo

O conteúdo textual obtido após a aplicação dos questionários foi interpretado de acordo com a metodologia definida por Moraes (2003) como Análise Textual, na qual a organização dos argumentos divide-se em quatro focos:

3.2.1 Unitarização

A realização desta primeira etapa procede na desmontagem do texto, partindo de um exame detalhado do material coletado e a posterior fragmentação em unidades constituintes.

3.2.2 Categorização

Este é o momento de estabelecer relações entre as unidades obtidas no processo anterior. Atua-se no sentido de categorizar o material a fim de construir relações entre as unidades de base, classificando-os no sentido de compreender como esses elementos unitários podem ser reunidos na formação de categorias, que passam a representar conjuntos mais complexos.

3.2.3 O Captar do Novo Emergente

Por meio da análise desencadeada pelos dois processos anteriores chega-se a uma intensa impregnação dos materiais de análise, o que possibilita uma compreensão renovada do todo.

Neste momento, investe-se na comunicação desta nova compreensão, exteriorizando também crítica e validação. Este processo leva à realização de um meta-texto, como um esforço em explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma nova combinação dos elementos construídos nas etapas que a precederam.

No texto, o ciclo é focalizado como um todo, aproximando-se de sistemas complexos e auto-organizados.

3.2.4 O Processo Auto-Organizado

Ainda que o ciclo de etapas descrito anteriormente caracterize-se por um processo até certo ponto racionalizado e planejado, o seu todo constitui-se em um processo auto-organizado do qual emergem novas compreensões. Os resultados finais não podem ser previstos.

(...) a análise textual qualitativa pode ser compreendida como um processo de auto-organização, de construção e de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma seqüência recursiva de três componentes: desconstrução dos textos do “corpus”, a unitarização; estabelecimento de relações entre os novos elementos unitários, a categorização; o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada. (MORAES, 2003, p.192)

4 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

“Pensei que fosse mais *light*”

Segundo Coscarelli (2001), “Há alguns equívocos que são comuns em relação ao ensino a distância, talvez em função das propagandas feitas para divulgar esse veículo de ensino/aprendizagem.”. Muitos sujeitos desta pesquisa demonstraram equívocos com relação à EAD, mas como conceitos anteriores ao ingresso no curso. Entre eles destaca-se o princípio da facilidade. Tal evidência também é destacada por Coscarelli, quando afirma: “muitas pessoas acreditam que a distância vão aprender rapidamente, que tudo vai ser fácil, que não vão gastar tempo (...)”.

A maioria dos sujeitos demonstrou acreditar, antes de ingressar na modalidade, que não seriam muito exigidos, não teriam de despender muito tempo aos estudos ou que o ensino seria supérfluo. Há mesmo sujeitos que embora tenham decidido ingressar em um curso nesta modalidade, alegaram não atribuir muita credibilidade à mesma.

Quem comparou a EAD com o ensino presencial, acreditou, a priori, encontrar menos exigências na modalidade a distância. *Achava que era mais fácil e exigia bem menos que o curso presencial.*

A suposição do conceito de facilidade precedeu o ingresso ao curso de muitos dos sujeitos pesquisados. Grande parte afirma estudar muito mais do que acreditou ser necessário. *Acreditava que era um curso fácil mas me enganei e tenho que estudar muito.*

Diversos sujeitos atribuíram a questão da facilidade à crença de que a instituição não teria condições de monitoramento e assessoramento remoto constante aos alunos. Questões como a integração entre colegas e professores, envolvimento do aluno com as atividades, administração do envio e recebimento das tarefas e a avaliação do desempenho do aluno eram muito vagas, o que influenciou na crença da facilidade. *Tinha receio das coisas ficarem um pouco soltas. Confesso que tinha um pouco de medo de não ser muito bom.*

Entretanto, a mudança desta opinião foi uma consequência para a maioria dos sujeitos que ingressou no curso a distância. Muitos atribuem esta alteração de conceitos a uma necessária mudança de comportamento por parte do estudante que ingressa em um curso na modalidade não presencial. Como o curso exige do aluno muita dedicação, a idéia da facilidade perde força na medida em que o estudante percebe a intensidade dos esforços

necessários para o sucesso acadêmico na EAD. *No início achei que não daria conta, mas com o tempo fui me disciplinando.*

Uma parcela menor da população, ainda, alegou desconhecer totalmente a modalidade antes do ingresso no curso, de maneira a nem mesmo elaborar algum conceito sobre a modalidade, antes do ingresso no curso. *Apenas tinha curiosidade, procuro não formar opiniões antes de conhecer alguma coisa.*

Entretanto, há também alguns sujeitos que demonstraram uma visão mais apreciativa com relação à modalidade, mesmo antes do ingresso no curso em questão. Foram invariavelmente pessoas que já haviam sido sujeitos da modalidade, como alunos ou profissionais. *Como trabalho com a modalidade, já sabia que era algo sério e de credibilidade.*

A análise demonstra que embora a EAD seja envolta por muitos preconceitos, no que concerne à credibilidade e exigência, os sujeitos que dela participam acabam por internalizar questões como a necessidade da disciplina por parte do estudante e conseqüentemente, atribuem maior credibilidade à modalidade. *Minha percepção sobre EAD, mesmo antes de ingressar neste curso já era boa. No mestrado tive duas disciplinas que foram ministradas, em parte, a distância. Também sou uma pessoa muito disciplinada, e isto conta muito nesta modalidade de curso. Portanto, o que eu pensava é o que realmente acontece. Não notei diferenças.*

“Deixei de achar que o EAD seria uma formação facilitada”

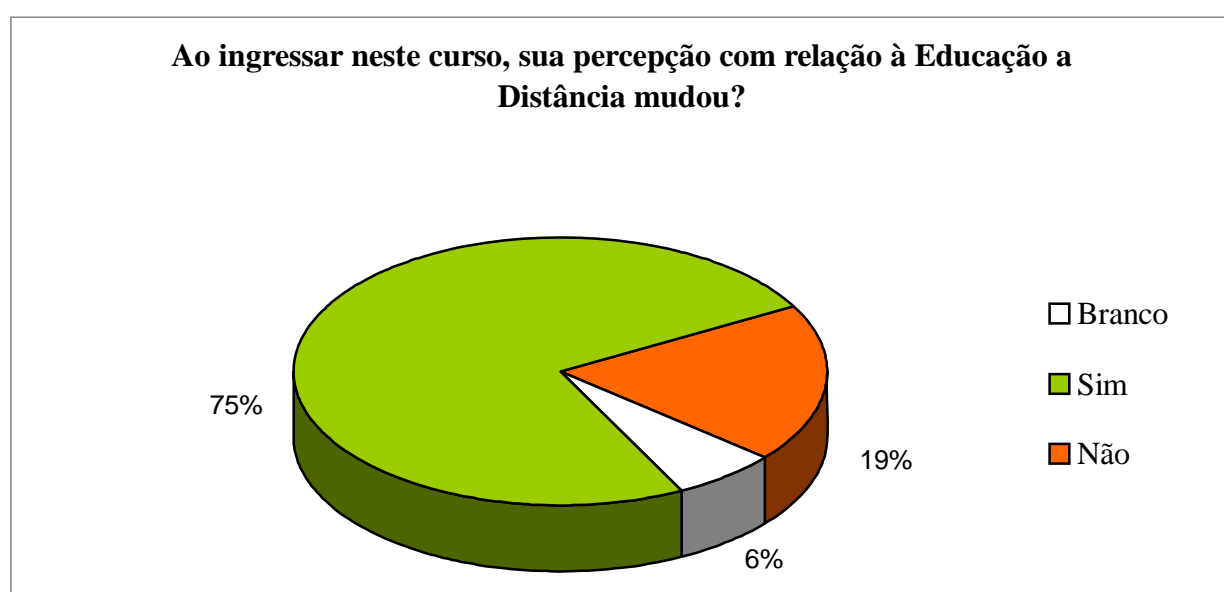


Gráfico 1 – Mudanças de percepção dos sujeitos com relação à EAD após o ingresso no curso
Fonte: Elaborado pela pesquisadora para este estudo (2007)

São significativas as declarações relacionadas a mudanças de percepção com relação à EAD, após o ingresso no curso a distância. Os sujeitos demonstraram, em sua maioria, ter mudado de opinião quando passaram a fazer parte deste contexto acadêmico.

A totalidade dos alunos que afirmaram acreditar ser esta uma modalidade de ensino facilitada, com poucas exigências, declarou mudanças drásticas de opinião. As mudanças de percepção foram, unanimemente, positivas. *A credibilidade só aumentou.*

Outra unanimidade está relacionada aos alunos que afirmam não ter mudado de opinião, mesmo após o ingresso no curso. Todos os sujeitos que compartilham desta idéia são aqueles que, quando questionados a respeito do conceito que tinham sobre a modalidade antes de ingressá-la, acreditavam ser esta qualificada e bastante exigente.

As mudanças de opinião, após ingressar no curso, evidenciam a desmistificação da “educação fácil”. *Deixei de achar que o EAD seria uma formação facilitada e inconsistente, passando a encarar como modalidade séria e que exige muita disciplina e dedicação do aluno, o que conseqüentemente qualifica o aprendizado.*

A ruptura entre o conceito de educação facilitada e a constatação das exigências do curso, segundo os sujeitos, está ligada, sobretudo, à quantidade de leituras e trabalhos realizados. *No curso que fiz toda semana tínhamos que realizar alguma tarefa que envolvia leituras, reflexões e debates.*

Fica clara também a idéia de que a modalidade exige do aluno muita dedicação e, sobretudo, disciplina. Questões como cobranças e exigências para a entrega das tarefas e a qualidade das mesmas foram bastante citadas. *O curso a distância exige muito mais do aluno, isto é, para cursar EAD o estudante deve ter muita disciplina. Além de muita dedicação.*

“Meu maior medo era viver uma situação de completa frieza”

Conforme defende Coscarelli (2001), “Educação a distância não significa necessariamente educação solitária. Atividades em duplas, pequenos grupos bem como discussões em que todo o grupo participa costumam ser altamente motivantes e produtivas”. Além disso, a renovação do Decreto que regulamenta a EAD no Brasil (Decreto 5.622) já admite, em seu artigo 1º, que a modalidade em questão permita interações dinâmicas entre professores e alunos e entre os alunos.

Na análise das respostas dadas pelos sujeitos, evidenciou-se que o reconhecimento da qualidade do curso e a conseqüente mudança da opinião depreciativa de antes do início do

mesmo deu-se pela percepção da possibilidade de estabelecer relações afetivas com os demais alunos, professores e tutores.

A evolução das tecnologias de informação e de comunicação, definida por Garcia Aretio (2001) como fator determinante para o desenvolvimento da EAD, permitiu que surgissem os ambientes de aprendizagem que possibilitam níveis mais complexos de interação entre os sujeitos. A atual configuração da educação operacionalizada a distância – Modelo de Aprendizagem Flexível - viabiliza trocas qualificadas de informação e até mesmo o estabelecimento de laços afetivos.

Os sujeitos da pesquisa evidenciam tais características do curso. Embora grande parte acreditasse não ser possível a interação nesta modalidade, muitos são os depoimentos que enaltecem a qualidade das relações que se formaram no decorrer do curso. *Para falar a verdade, não sabia como funcionava um curso à distância. Mas o que vejo é que ele não é um curso à distância, sinto-me perto de todos. Estamos distantes de corpo, mas na construção do conhecimento estamos muito próximos. Trabalhamos e aprendemos coletivamente. Simplesmente maravilhoso!*

O desconhecimento da dinâmica do curso, antes do ingresso, gera insegurança quanto à possibilidade de contatos pessoais (e mesmo afetivos) entre os sujeitos. Entretanto, o ingresso no curso transforma a insegurança em experiência que comprova o intercâmbio de idéias e construção coletiva do conhecimento. Há quem reconheça que mesmo em aulas presenciais, tal nível de trocas não seria possível. *Este processo de construção conjunta de conhecimento é muito enriquecedor e se dá de forma mais organizada e justa do que se fosse numa sala de aula, onde alguns não teriam vez de falar.* Reforça-se aqui, a afirmação de Franciosi (2003), quando diz que os ambientes de aprendizagem maximizam as possibilidades de interação entre os sujeitos.

A aula inaugural presencial é destacada pelo grupo como de muita importância para o princípio das relações afetivas que se estabelecerão no futuro. As ferramentas de interação permitidas pelo ambiente de aprendizagem, como fórum e *chats*, são destacadas como facilitadoras deste processo. O perfil de cada aluno com a respectiva foto, disponível no ambiente de aprendizagem, ajuda a personalizar as relações. *Vejo as fotografias dos colegas e já simpatizo com eles, alguns com mais afinidade. Mesmo que eu ainda não saiba por quê, mas essa é a minha realidade (virtual) atual.*

Conforme afirmam os Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância (MEC, 2007, p. 11):

Da mesma forma que a interação entre professor-estudante, tutor-estudante e professor-tutor deve ser privilegiada e garantida, a relação entre colegas de curso também necessita de ser fomentada. Principalmente em um curso a distância, esta é uma prática muito valiosa, capaz de contribuir para evitar o isolamento e manter um processo instigante, motivador de aprendizagem, facilitador de interdisciplinaridade e de adoção de atitudes de respeito e de solidariedade ao outro, possibilitando ao estudante o sentimento de pertencimento ao grupo.

“Sem a tutoria, a EAD torna-se monótona”

Os Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância caracterizam o tutor como agente fundamental nos processos de aprendizagem, avaliação e interação. Segundo o documento, a tutoria – que pode ser presencial ou a distância – figura entre os aspectos que colaboram para a qualidade de um curso na modalidade.

A presente pesquisa demonstra que os alunos reconhecem o papel fundamental do tutor. Um dos aspectos mais marcantes na visão dos sujeitos, como responsável pela dinamização dos processos de aprendizagem e diminuição da insegurança do aluno que estuda a distância é a tutoria. Os tutores, segundo o grupo, agilizam as relações e fazem a gestão do processo de construção do conhecimento. *Os tutores têm este papel de agentes do conhecimento e precisam ser valorizados e estimulados.*

Além do incentivo promovido pelas relações afetivas entre colegas de curso, o tutor também participa dos processos de aprendizagem, orientando as pesquisas e atendendo a necessidades específicas de cada estudante. *Os monitores são muito presentes, orientam o caminho a ser pesquisado, o que faz com que não me sinta sozinha na pesquisa a ser realizada.*

Também é apontado como necessário pelo grupo de sujeitos pesquisados, a efetividade de um conhecimento aprofundado para lidar com as tecnologias de informação e comunicação – base principal de desenvolvimento de cursos na modalidade a distância. Sendo a EAD modalidade de ensino e aprendizagem que está profundamente atrelada à comunicação mediada pelos recursos tecnológicos, o conhecimento e domínio das ferramentas são fundamentais, tanto por parte dos alunos, quanto dos professores e tutores.

O próprio documento que referencia a qualidade dos cursos operacionalizados a distância propõem que, quando necessário, cursos na modalidade disponham de módulos iniciais que permitam aos alunos maior intimidade com as ferramentas que dão suporte ao curso. Embora as TIC's não sejam fins, mas meios utilizados para alcançar o objetivo maior,

que é a aprendizagem e crescimento pessoal do aluno, o domínio das tecnologias se faz necessário como a ponte que permite chegar ao local almejado.

Por fim, como o estudante é o foco do processo pedagógico e freqüentemente a metodologia da educação a distância representa uma novidade, é importante que o projeto pedagógico do curso preveja, quando necessário, um módulo introdutório que leve ao domínio de conhecimentos e habilidades básicos, referentes à tecnologia utilizada e/ou ao conteúdo programático do curso, prevendo atividades de acolhimento do estudante, assegurando a todos um ponto de partida comum. (MEC – Referenciais de Qualidade para Educação a Distância, 2007, p.10)

“Estou bastante satisfeita com o que tenho aprendido no meu curso a distância”

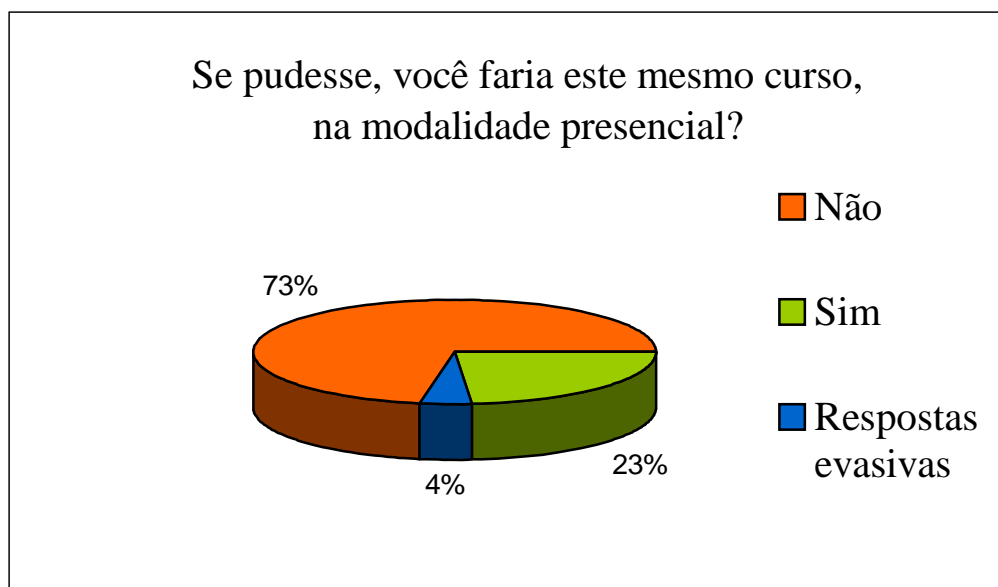


Gráfico 2 – Possibilidades de mudança de modalidade de curso
Fonte: Elaborado pela pesquisadora para este estudo (2007)

Quando questionados com relação à possibilidade de troca do curso a distância para a modalidade presencial, os sujeitos demonstram, em sua maioria, preferir a modalidade que já estão cursando - EAD.

Entre aqueles que optariam por continuar na modalidade a distância, figuram 73% dos sujeitos; 23% da população admite preferir a modalidade presencial, caso fosse viável, dentro de suas possibilidades e 4% apresentou respostas evasivas.

Fica claro que embora os alunos costumem ingressar com muitas expectativas e preconceitos, aqueles que permanecem estudando por EAD acabam por conhecer e adaptar-se à modalidade, preferindo-a a presencial. Cabe ressaltar também que a EAD pode ser mais indicada para determinado perfil de estudante, com competências e habilidades específicas que diferem das necessárias à modalidade presencial. Este aluno, especificamente, por ficar mais à vontade em EAD, preferirá está à outra.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9594/96) admite, em seu artigo 37, que devem ser oferecidas oportunidades educacionais apropriadas que considerem as características de cada aluno. Embora não seja uma referência direta à EAD entende-se que a modalidade a distância pode ser alternativa para alunos com competências que destacam-se por meio desta metodologia.

“Existem muitas vantagens na EAD: economia de tempo e gastos”

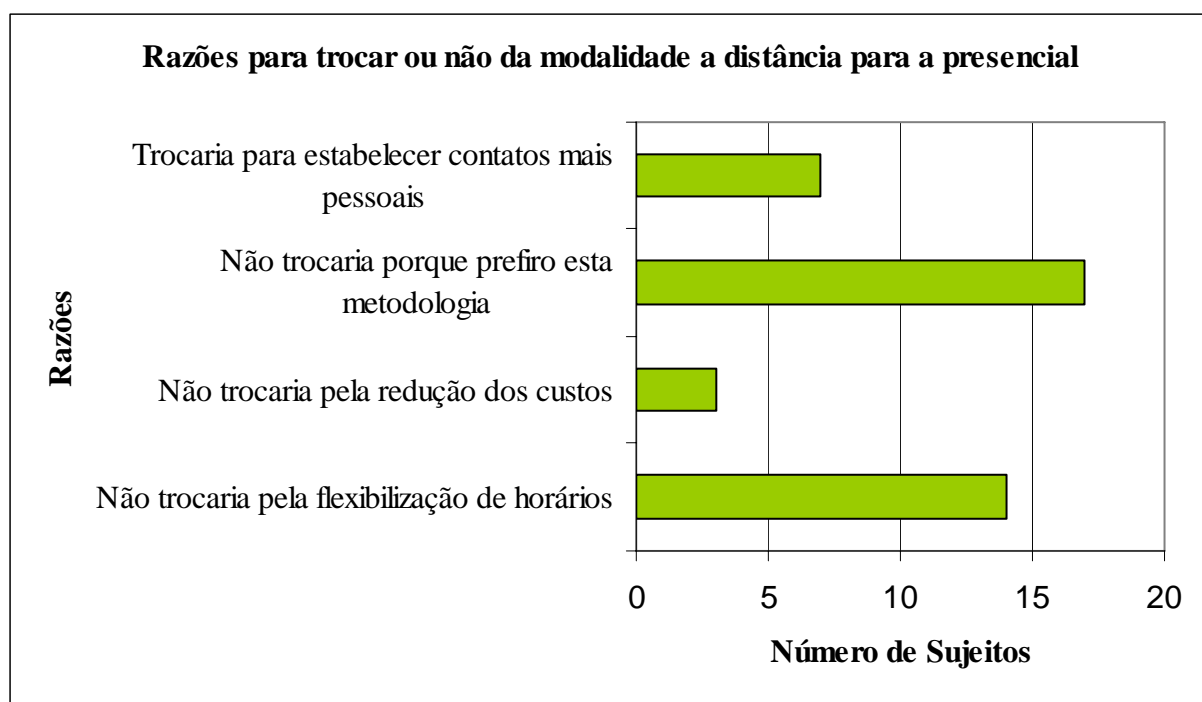


Gráfico 3 – Razões para trocar ou não da modalidade a distância para a modalidade presencial

Fonte: Elaborado pela pesquisadora para este estudo (2007)

O grupo de sujeitos que não trocaria seu curso na modalidade a distância para a presencial, apresentou, basicamente, três razões distintas para tanto: acreditar ser esta uma metodologia efetiva, a redução de custos e a flexibilização de horários. O grupo mais significativo entre estes acredita que a metodologia da EAD seja melhor que a presencial. *Estou descobrindo uma autonomia para o estudo que antes não tinha.*

A Educação a Distância, como modalidade de ensino e aprendizagem mediada por recursos tecnológicos, apresenta metodologias diversas das utilizadas no ensino presencial. Muitos alunos encontram mais recursos para desenvolver suas habilidades com as metodologias exploradas na EAD.

Outra grande parcela de sujeitos que não deseja trocar de modalidade caracteriza-se por alunos que preferem a EAD pela flexibilização de horários que a metodologia permite. Profissionais que já estão inseridos no mercado de trabalho, com compromissos diários, vêm resumidamente suas possibilidades de estudo na modalidade presencial. *Não tenho hora certa para estar na Universidade, sou Gerente de Administração Discente e na maioria das vezes troco meus horários em razão de compromissos.* Outra uma vez evidencia-se uma das

características mais marcantes da Educação a Distância: a possibilidade de adequar os horários de estudos aos horários disponíveis na agenda do estudante.

Não significa, entretanto, que a EAD seja a educação de quem não tem tempo. É necessário tempo para estudo, leitura, postagens, interação com colegas e realização de tarefas. Contudo, há maiores possibilidades de realização de tarefas assíncronas, sem que haja horários e locais estabelecidos para isto. *Estudo na hora que posso e não preciso sair de casa.*

Evidenciam-se, nos variados depoimentos dos sujeitos que estudam por EAD, que não é a redução de horários de estudos que é atraente, mas a possibilidade de estabelecer seus próprios horários. *Não tenho tempo para horários rígidos e também porque achei a experiência de estudar on-line muito mais rica, interessante e atrativa.*

O menor grupo, dentre aqueles que optam por EAD em vez do ensino presencial, é representado por alunos que alegam a minimização dos custos. Gastos com deslocamento, transporte e alimentação figuram entre as despesas que fazem do Ensino Presencial uma modalidade mais onerosa para o aluno que a modalidade a distância. É o caso do sujeito que afirma: *Se o curso fosse em Porto Alegre eu iria ter despesas de transporte, alimentação, etc. Como resido em Caxias do Sul não tive estas despesas, somente o custo do curso. Gostei da economia.*

“Valorizo o contato real com as pessoas e com o professor”

Para os sujeitos que revelam optar pela modalidade presencial, caso lhe fosse viável, prevalece a sensação de que o contato pessoal com colegas e professores não pode ser substituído por nenhuma outra forma de interação, mediada pelas tecnologias de informação e comunicação, que caracterizam fortemente a EAD.

Quase a totalidade dos alunos que afirmam preferir a modalidade presencial destaca como motivo a presença física de todos os envolvidos no mesmo tempo e espaço. É interessante a frequência com que a expressão “olho no olho” incide, nas diversas declarações. *Optaria por um curso presencial para por olhar nos olhos dos amigos de curso, quando os mesmo opinassem.*

Tanto a legislação brasileira (LDB e Decreto 5.622) quanto os Referenciais de qualidade para a Educação a Distância determinam a necessidade da existência de encontros presenciais nos cursos operacionalizados a distância. Entretanto, a quantidade de aulas presenciais é, obviamente, muito inferior à quantidade de aulas a distância, dada a natureza

não presencial do curso. Mesmo em menor quantidade, os encontros presenciais são fundamentais para assegurar a qualidade do curso e efetividade das avaliações.

Conforme o documento que referencia a qualidade da EAD no Brasil “A instituição deverá, em seu projeto político e pedagógico do curso (...) dispor de pólos de apoio descentralizados de atendimento ao estudante, com infra-estrutura compatível, para as atividades presenciais.” (MEC – Referenciais de Qualidade para Educação a Distância, 2007, p. 12)

Mesmo com a obrigatoriedade de encontros presenciais periódicos, os sujeitos da pesquisa levantaram questões como relações humanas, afetividade e debates mais calorosos. Há ainda sujeitos que reconhecem a qualidade das mesmas interações na modalidade não presencial, mas afirmam: *Mesmo que os fóruns sejam muito ricos nas discussões, sinto a necessidade da interação pessoal. Para mim, o crescer se dá na medida do debate, das trocas... virtualmente não é a mesma coisa.*

“Meu tempo de estudo varia de acordo com a disponibilidade que tenho”

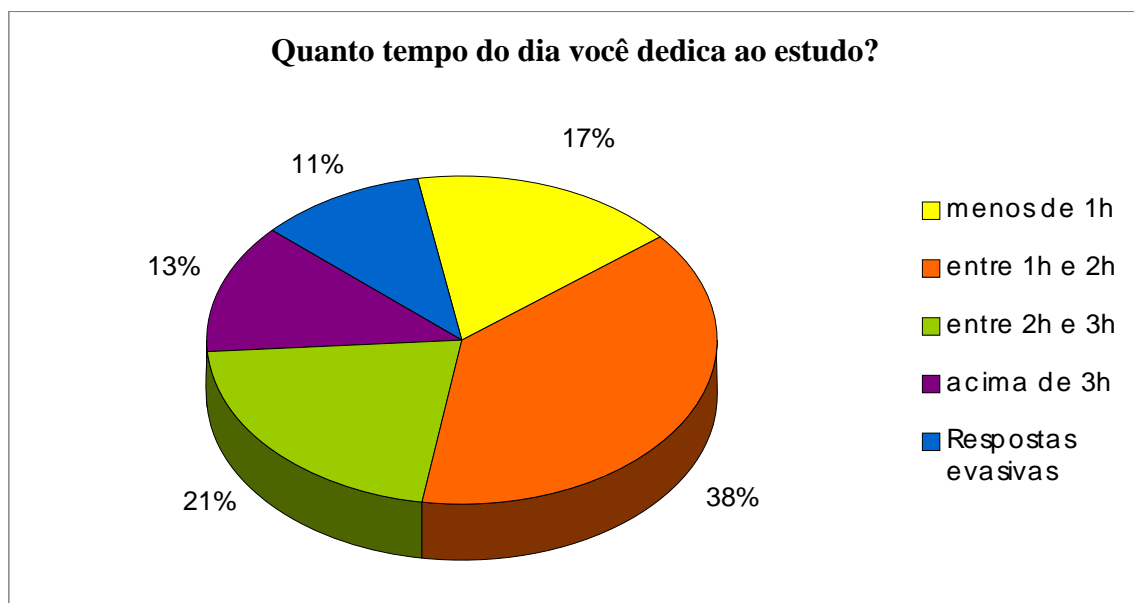


Gráfico 4 – Tempo por dia dedicado ao estudo
 Fonte: Elaborado pela pesquisadora para este estudo (2007)

A análise da quantidade de horas por dia dedicada por cada aluno às tarefas acadêmicas apresenta algumas variações. De acordo com a população considerada, 17% dos alunos estuda até uma hora por dia, 28% relata estudar por um período que varia entre uma e duas horas diárias, 21% alega estudar de duas e três horas por dia enquanto 3% da população estuda mais de três horas diariamente.

Embora a maioria dos sujeitos dedique entre uma e duas horas por dia ao estudo, na análise das respostas, pode-se perceber que a distribuição real desta carga horária destinada aos estudos se dá a partir de uma combinação entre a demanda de tarefas do curso e a disponibilidade do estudante. Muitos afirmam que embora possam dedicar, de maneira geral, uma ou duas horas diárias às tarefas acadêmicas, há situações que existe a necessidade de despender mais horas. *Normalmente estudo uma hora por dia, mais ou menos, mas quando tem trabalho para postar, necessito de mais tempo.*

Há ainda aqueles cujas respostas não puderam ser objetivamente computadas, dada a variedade de horários disponibilizada ao estudo. Sendo a EAD uma modalidade de ensino e aprendizagem com a marcante característica da flexibilização dos horários dedicados às tarefas escolares, evidencia-se uma relatividade bastante grande com relação à carga horária diária de estudos. É o caso do sujeito da pesquisa que afirma: *Não computei as horas porque realizo as leituras num tempo que varia muito. Ou seja, antes de deitar, secando os cabelos, ao levar meus três gatinhos para passearem na rua, etc.*

Evidencia-se também uma grande parcela de sujeitos que afirma estudar muito aos finais de semana, chegando a dedicar maior número de horas neste período que nos dias úteis. Tal situação deve-se também ao fato de que muitos dos alunos que procuram cursos nesta modalidade apresentam pouca disponibilidade de tempo durante o período normalmente estipulado para estudos na educação presencial, ou seja, durante a semana. Sendo assim, quem estuda na modalidade EAD tem a possibilidade de compensar a falta de tempo nos dias úteis com uma dedicação mais acirrada aos finais de semana. *Estudo mais ou menos uma hora por dia, na média. Nos finais de semana estudo mais, pois aí tenho um pouco mais de tempo.*

A autonomia acadêmica e exigência pessoal do aluno também ficam evidenciadas nas respostas com relação à quantidade de horas por dia dedicada aos estudos. Muitos alunos demonstram que embora possam dedicar um número padrão de horas por dia às atividades do curso – ou mesmo que não tenham um horário definido para tanto - há situações em que a necessidade de se aprofundar em determinado assunto com importância significativa aumenta as horas diárias destinadas ao estudo.

A vivência do estudante é o que caracteriza o entendimento daquilo que necessita de maior dedicação. *Meu estudo não é diário, mas a leitura e a pesquisa dura enquanto não estiver satisfeita com a profundidade do assunto proposto para a semana.*

Casos de alunos que costumam alternar vários acessos diários ao ambiente de aprendizagem do curso também são relatados. Como em EAD costuma-se realizar muitos fóruns e debates assíncronos, muitos sujeitos revelam que acessam o ambiente sempre que podem, na volta do dia, para ler as postagens dos colegas e contribuir com comentários ou materiais. *Eu costumo dedicar em torno de uma hora diária, dividida em várias entradas para ler e comentar o trabalho dos colegas, ou para postar alguma material que seja útil para todos, no fórum social.*

A questão mais fortemente evidenciada com relação ao horário de estudos foi a flexibilização de momentos específicos para tanto. Quase a totalidade dos sujeitos afirma que embora estudem em média determinado número de horas por dia/semana, estes horários são alternados e, sobretudo, variam de acordo com a necessidade da tarefa e possibilidade do estudante.

“Tudo depende do empenho do aluno”

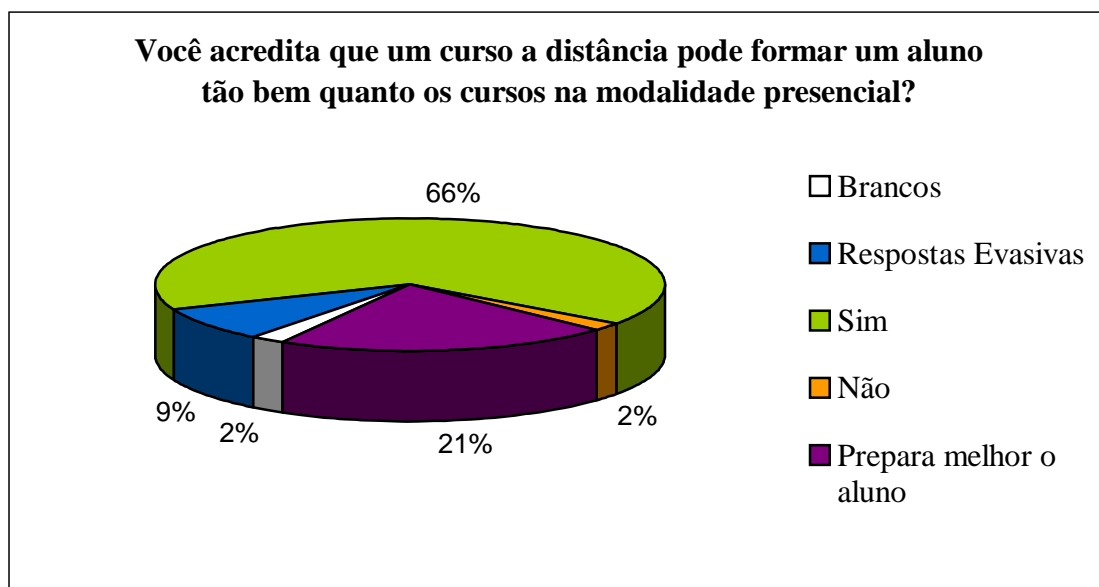


Gráfico 5 – Qualidade comparativa entre cursos a distância e presencial
 Fonte: Elaborado pela pesquisadora para este estudo (2007)

O lado bom é que no curso presencial o aluno pode ficar ‘voando’ na sala de aula, mas no curso a distância a participação dele é obrigatoriamente ativa. E isso torna o curso muito interessante para todos. O curso a distância depende muito da participação do aluno e não só das atividades propostas pelo professor. (COSCARELLI, 2001, p.59).

Do grupo de 66% de entrevistados que acreditam que um curso na modalidade a distância pode formar um aluno tão bom quanto a modalidade presencial, todos foram unânimes em afirmar que a qualidade da EAD passa, sobretudo, pelo empenho e dedicação do estudante. *Tudo depende do aluno, ou seja, da autodisciplina, sua disponibilidade de tempo, sua autonomia, domínio da ferramenta e de sua vontade em ser um aprendiz-pesquisador. É claro que a competência do professor e o seu incentivo vão auxiliar o desenvolvimento do ensino-aprendizagem em relação ao aluno.*

Um grupo significativo, dentre estes, citou também a necessidade de empenho dos professores, tutores, instituição, material de apoio e conteúdo. *O curso deve possuir uma boa proposta pedagógica de acordo com os objetivos do curso, bons tutores e material didático adequado a proposta do curso e a modalidade EAD.* Entretanto, evidencia-se entre os sujeitos pesquisados a clareza da idéia de autonomia e empenho pessoal por parte do estudante.

Um dos sujeitos, quando questionado a respeito desta qualidade comparativa entre as duas modalidades, esclarece: *A formação depende principalmente do aluno, da capacidade*

do mesmo em se dispor e de se entregar ao curso, sendo presencial ou não. Há alunos estão fisicamente presenciais, mas mentalmente, a milhas de distância.

Fica clara, entre os sujeitos, a idéia de que existem perfis de alunos mais apropriados à EAD. Embora muitos deles possam ingressar no curso sem, por exemplo, habilidade para pesquisas ou autonomia acadêmica, o desenvolvimento de tais habilidades é fundamental para a permanência e bom desempenho no curso.

Os termos mais frequentes para definir o aluno que apresenta uma boa formação em EAD foram: *consciência do que é estudar a distância, empenho, envolvimento, comprometimento com o próprio aprendizado, interesse em aprender, motivação, maturidade, autodisciplina, disponibilidade de tempo, autonomia, domínio da ferramenta, vontade de ser um aprendiz-pesquisador, responsabilidade e disciplina.*

“Acredito que a EAD pode até formar alunos melhores que o ensino presencial”

No ano de 2007, dados publicados pelo MEC já evidenciaram que os alunos de cursos a distância têm desempenho médio superior aos dos alunos de cursos presenciais. Segundo o Decreto 5.622/05, o SINAES aplica-se integralmente à avaliação da Educação a Distância, tanto quanto da Educação Presencial.

Um grupo significativo de sujeitos desta pesquisa, 21% dos entrevistados, acredita que o curso na modalidade a distância prepara melhor o aluno que a modalidade presencial. Mais uma vez, a questão da necessidade de profundo envolvimento do aluno com a tarefa de aprender foi a questão principal na qual os sujeitos apoiaram sua opinião. *Acredito que possa formar até melhor, pois no virtual o aluno é o agente construtor do seu conhecimento e busca todas as informações possíveis para aprender. No presencial pode ter aquele desânimo e não fazer as atividades propostas.*

“O que vale para ambas as modalidades é a responsabilidade que o aluno tem com os afazeres”

Apenas 2% dos sujeitos entrevistados afirmam não acreditar que alunos de cursos a distância possam ser tão bem preparados quanto alunos de cursos na modalidade presencial. Como justificativa para tanto os sujeitos atentaram unicamente para o caráter não instantâneo do esclarecimento das dúvidas dos alunos, por parte dos tutores e professores. Entretanto, embora os sujeitos desacreditem a EAD em alguns aspectos, o grupo afirma que de acordo com o nível de empenho e participação do aluno, a formação pode ser também muito boa. *Aparecem muitas dúvidas que não esclarecidas em tempo e com as discussões surgem ainda mais. Mas é claro que mesmo na modalidade presencial podem se formar profissionais ruins e na modalidade EAD podem sair ótimos profissionais. Tudo é uma questão de como você encara o curso que faz.*

Há ainda um grupo de sujeitos que acredita que a modalidade a distância seja indicada apenas a alguns cursos, de natureza mais teórica e discursiva. *Acho que ainda faltam tecnologias para possibilitar o desenvolvimento de habilidades práticas a distância.*

Aspectos positivos de um curso a distância

“Para mim, o aspecto mais positivo é o tempo”

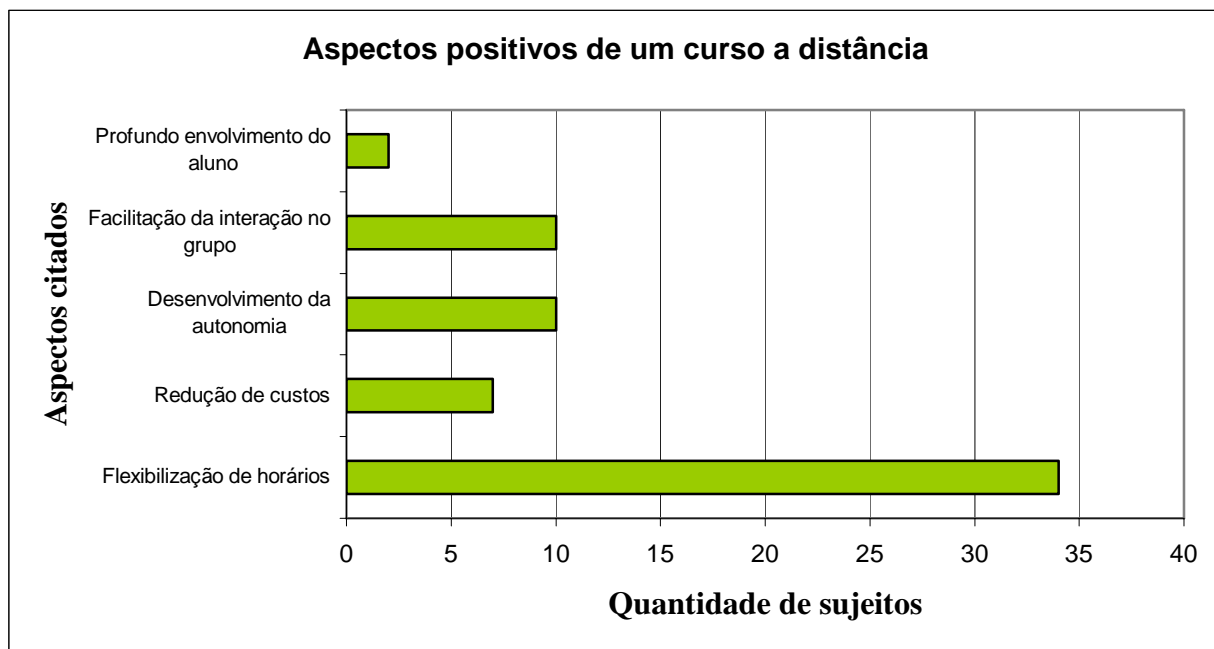


Gráfico 6 – Aspectos positivos de um curso a distância

Fonte: Elaborado pela pesquisadora para este estudo (2007)

A característica mais enfaticamente destacada pelos alunos como aspecto positivo de um curso a distância é a possibilidade de flexibilização dos horários. Este aspecto figura em 72% dos depoimentos sobre o assunto.

Embora estes mesmos sujeitos também cite outras características positivas, como redução dos custos e desenvolvimento da autonomia do aluno, a condição de alternância nos horários de acesso ao ambiente de estudo é a mais difundida. *A EAD nos permite estudar em horários impraticáveis para a aula presencial.*

A questão da flexibilização de tempo é reconhecida como fundamental para os cursos da modalidade a distância. O documento que referencia a qualidade de cursos não presenciais destaca que: “A instituição deverá, em seu projeto político e pedagógico do curso (...) assegurar flexibilidade no atendimento ao estudante, oferecendo horários ampliados para o atendimento tutorial.” (MEC – Referenciais de Qualidade para Educação a Distância, 2007, p.12)

Percebe-se na pesquisa que o aluno da EAD, embora deseje a flexibilização do tempo de estudo, não deseja a redução do mesmo, nem acredita que a modalidade seja adequada para pessoas que não dispõem de tempo para tanto. Todavia, os horários

estabelecidos pelos alunos da modalidade a distância variam de acordo com o envolvimento e disponibilidade do mesmo com as demais tarefas pessoais. Os horários de estudo são bastante inusitados. *Podemos escolher o dia e a hora que queremos estudar. Seja na madrugada de sábado, no domingo ou em feriados.*

Vale aqui destacar as considerações de Coscarelli (2001), a respeito do tempo despendido pelo aluno da modalidade EAD. “Apesar da agilidade de comunicação que a Internet possibilita, a educação a distância não é educação para quem não tem tempo. Cursos a distância não poupam tempo do professor e exigem tempo e dedicação também por parte do aluno.”.

Outros dois aspectos igualmente citados como positivos em termos de quantidade de declarações foram o desenvolvimento da autonomia do aluno e a facilitação das interações entre o grupo.

Questões que envolvem a necessidade da proatividade e autonomia do aluno da EAD costumam ser amplamente abordadas na diversificada bibliografia sobre o assunto. Embora exista a tutoria e a possibilidade de contato freqüente com os professores, o aluno desta modalidade necessita assumir a postura de pesquisador e agente da própria aprendizagem.

Entretanto, a questão da interatividade é controversa. Muitos sujeitos afirmaram ser justamente este seu receio com relação ao curso. Surpreendentemente, por outro lado, a qualidade e quantidade das interações sociais e afetivas no grupo de estudos deste curso foram significativamente destacadas. *A EAD aproxima os alunos, pois escrevemos coisas que pessoalmente, na maioria das vezes, não temos tempo para dizer uns aos outros.*

A redução dos custos também figurou entre os aspectos positivos citados. Os sujeitos afirmam que, além da mensalidade do curso ser inferior, a não necessidade de deslocamentos constantes e conseqüentes gastos com transporte e alimentação reduz muito o gasto. *A EAD elimina a necessidade de transporte, o que envolve tempo e dinheiro.*

Finalmente, a profundidade do envolvimento do aluno com o curso figura entre os aspectos positivos da modalidade EAD, embora em menor escala que as demais características.

Alguns sujeitos afirmam que a natureza do curso a distância propicia ao estudante que este esteja profundamente ligado às tarefas acadêmicas, não havendo possibilidade de um envolvimento superficial. *Em EAD, você realmente tem que estudar.*

Aspectos negativos de um curso a distância

“A conversa frente a frente faz muito mais diferença”

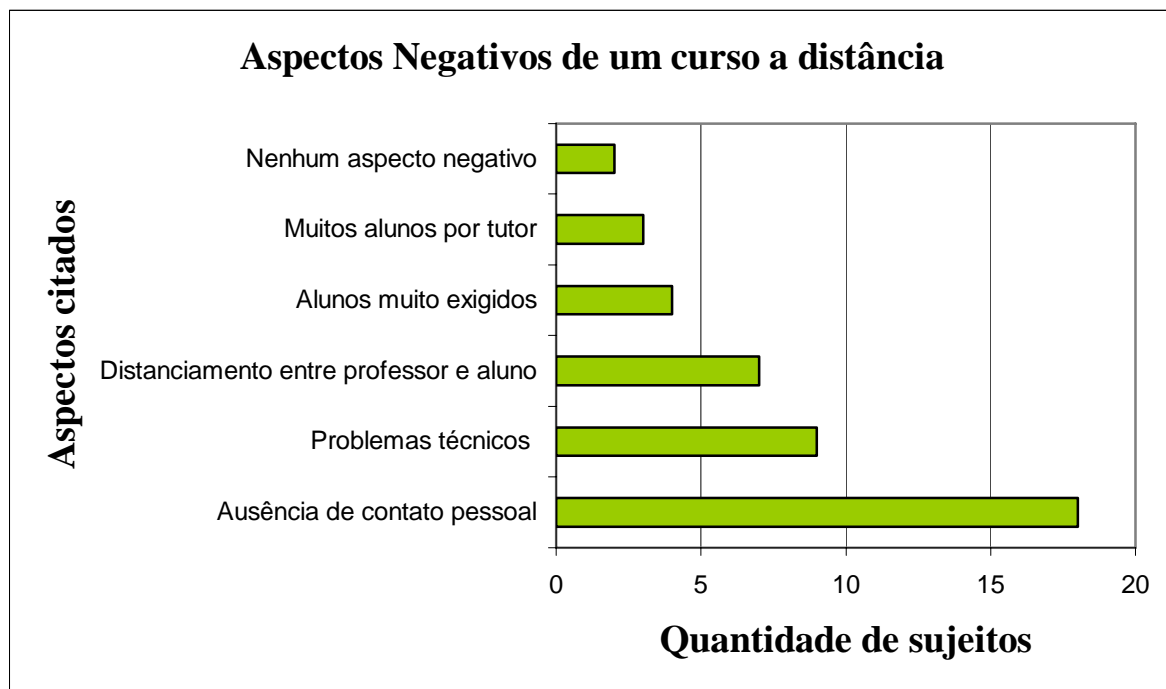


Gráfico 7 – Aspectos negativos de um curso a distância

Fonte: Elaborado pela pesquisadora para este estudo (2007)

Os aspectos negativos da modalidade levantados pelos sujeitos giraram principalmente em torno das questões relacionadas á qualidade superior do contato pessoal presencial. Paradoxalmente, um aspecto positivo bastante enaltecido pelo grupo pesquisado, foi o da facilitação das interações permitidas pelas ferramentas do ambiente de aprendizagem.

Muitos sujeitos esclarecem que, embora haja muita interação por meio dos *chats*, fóruns e afins, a qualidade da interação pessoal, do contato físico é muito superior ao contato virtual. *Há algumas determinadas situações que por mais que se discuta, via fórum, não consegue esgotar o assunto em suas diferenças e peculiaridades; nestes casos a conversa frente a frente faz muito mais diferença.*

Neste sentido, muitas são as referências em documentos legais ou referenciais no que concerne a qualificar as interações entre os sujeitos da EAD, mesmo à distância.

“A instituição deverá, em seu projeto político e pedagógico do curso (...) facilitar a interação entre estudantes, por meio de atividades coletivas, presenciais ou via ambientes de aprendizagem adequadamente desenhados e implementados para o curso, que

incentivem a comunicação entre colegas.” (MEC – Referenciais de Qualidade para Educação a Distância, 2007, p.12)

Os problemas técnicos enfrentados com o uso constante das tecnologias também fazem parte dos problemas enfrentados pelos sujeitos pesquisados. Questões como *Internet* lenta, computadores pessoais com configurações inadequadas às necessidades do aluno e o custo elevado dos mesmos dificultam o acesso ao curso. *Às vezes o sistema é lento, ou o micro que temos em casa não é muito bom.*

Embora um pequeno grupo tenha declarado não encontrar nenhum aspecto negativo na modalidade, foram levantadas também questões como distanciamento na relação entre professores e alunos – o professor não está presente no momento exato em que surgem as dúvidas com relação ao conteúdo; exigência muito grande com relação ao aluno e turmas muito grandes, o que aumenta o número de alunos por tutor, dificultando as mediações.

5 ANÁLISE DO CONTEÚDO DA MÍDIA QUE DIVULGA A EAD

O objetivo deste capítulo é realizar uma análise Hermenêutica de Profundidade de quatro campanhas publicitárias desenvolvidas para divulgar cursos/instituições de Educação a Distância.

As duas primeiras campanhas analisadas (campanhas A e B) foram veiculadas em uma revista brasileira de circulação nacional que aborda, anualmente, temas específicos sobre Educação a Distância. O exemplar do qual as duas propagandas foram extraídas é de 2007 e está no quinto ano de publicação da revista.

A terceira e a quarta propagandas (campanhas publicitárias C e D) foram veiculadas no próprio *site* das instituições que oferecem os cursos, durante o segundo semestre de 2007 e são analisadas comparativamente, com relação à maneira como apresentam a duração dos cursos que oferecem.

Cada uma das propagandas analisadas pertence a instituições diferentes.

Campanha publicitária A
O mito da facilidade

A Qualidade da
a um click de você.

Cursos Autorizados pelo MEC

PRÊMIO MELHORES UNIVERSIDADES GUIA DO ESTUDANTE E BANCO REAL 2006

Educação a distância

Na Determine seu horário e ritmo de estudo com apoio de professores mestres e doutores. você tem educação a distância com qualidade comprovada!

10 cursos de Graduação, 11 cursos de Pós-graduação e diversos cursos de Extensão

Inscreva-se!

Ilustração 1: Campanha publicitária A
Fonte: Revista Brasileira Anual sobre Educação a Distância

A interpretação da imagem explorada pela campanha A nos apresenta a figura de uma jovem estudante de algum curso na modalidade não presencial, em casa, em frente ao seu computador pessoal, com uma criança que parece ser sua filha pequena (de aproximadamente um ano) no colo. Sobre a mesa, além de muitos livros, estão espalhados os brinquedos da menina. A jovem mãe manipula com uma das mãos o computador e com a outra distrai a filha, que mexe em um dos livros.

A mãe parece concentrada em seu estudo, embora a filha pequena em seu colo demonstre-se bastante curiosa para manipular os objetos que estão à sua frente. Abaixo da imagem pode-se ler a frase: *determine seu horário e ritmo de estudo com o apoio de professores, mestres e doutores.*

A imagem quer representar que a jovem mãe estudante é uma mulher contemporânea: embora tenha uma filha (talvez marido e outros filhos também, embora a imagem não deixe isso claro) ela estuda para ingressar futuramente no mercado de trabalho ou mesmo para obter um trabalho melhor do que tem no momento.

Desde a Revolução Industrial que as mulheres, de maneira geral, têm ingressado no mercado de trabalho, alterando as relações de gênero nas atividades que estiveram até então restritas ao universo masculino.

Na segunda metade do século XVIII, as grandes transformações ocorridas no processo produtivo e que resultaram na Revolução Industrial, trouxeram consigo uma série de reivindicações até então inexistentes. A absorção do trabalho feminino pelas indústrias, como forma de baratear os salários, inseriu definitivamente a mulher no mundo da produção. (LOPES, 2004)

Entretanto, embora as mulheres em geral, a partir do século XVIII, tenham passado a trabalhar fora de casa, o que se evidencia é que elas acumularam funções, executando duplas, triplas jornadas de trabalho: casa, família, filhos, serviço, estudo etc.

Muitas são as mulheres que, nos séculos XX ou XXI, conciliam os deveres maternos e familiares em geral com os estudos. Entretanto, entende-se que seu esforço é bastante grande.

Sendo assim, apresentar uma mãe estudando na presença do filho pequeno pode causar ao observador a idéia de que a Educação a Distância é o tipo de educação para quem não pode despender muito tempo às suas atividades acadêmicas.

Evidentemente que a EAD pode ser uma alternativa às mães que desejam estudar sem precisar deslocar-se de casa e ausentar-se por longos períodos de tempo. Entretanto,

mesmo esta mãe que estuda a distância necessitará de disponibilidade, disciplina e mesmo de momentos sem a presença dos filhos para realizar as atividades planejadas para o curso.

No entanto, a frase que se lê logo abaixo da imagem “determine seu horário e ritmo de estudo com o apoio de professores, mestres e doutores” parece bastante coerente. Caracteriza a EAD como modalidade de ensino e aprendizagem que permite ao aluno organizar seus períodos de estudo de acordo com a sua disponibilidade de tempo e não pejorativamente como o tipo de educação para quem não dispõem, absolutamente, de tempo.

Embora a frase seja coerente, a imagem apresentada pode levar ao entendimento de que estudar a distância é uma tarefa tão simples que mesmo com uma criança no colo o aluno poderá estudar. Além disso, a imagem destaca-se em proporções muito maiores que a frase. Além de ser a imagem um recurso visual muito explorado pela rapidez com que pode ser interpretada e reinterpretada e pela quantidade de informações que uma única imagem pode apresentar, a frase está escrita com tipos bastante pequenos.

Reforça-se aqui a já citada teoria de Távola (1984) com relação ao conteúdo jacente da comunicação, no sentido de que aquilo que jaz por traz de elementos simbólicos da representação comunicativa, embora não possa ser efetivamente conceituado ou racionalizado, possui força poderosa.

Essa visão do computador como uma máquina milagrosa é facilmente encontrada nas propagandas de sites de Bancos, supermercados, entre outros serviços prestados via Internet [inclusive as propagandas que divulgam EAD]. Prometem-se sempre facilidades, conforto, democratização, etc. e acima de tudo, que o usuário terá mais tempo para o lazer. Isso não é completamente uma mentira, porque há o conforto de não se sair de casa, de não enfrentar filas, etc., mas gasta-se tempo (*e às vezes muito*) para fazer compras em um site; e o acesso à Internet ainda não é nada democrático, muito pelo contrário. (COSCARELLI, 2001, p.58)

É nesse sentido que podemos alertar para o “mito da facilidade”. Embora a EAD apresente aspectos bastante práticos do ponto de vista dos sujeitos que precisam de flexibilização de tempo e deslocamento, a exploração desmedida destes aspectos pelas campanhas publicitárias acabam por difundir a estigma de que a Educação a Distância seja uma educação facilitada e que estudar em casa, na presença dos filhos possa ser uma atividade bastante simples.

Como afirma Távola (1984) qualquer produto da mídia (propagandas, programas televisivos etc.) apresenta elementos que despertam diferentes consciências naquele que

observa, através de dados incursos, não diretamente expressos, mas que influenciam na leitura que será feita da forma simbólica.

Assim, na forma simbólica analisada, percebe-se implícita, a idéia de facilidade, de uma educação com exigências menores e que pode, portanto, atrair um público que pode ser seduzido pela idéia da facilidade. A imagem fala diretamente a mulheres com filhos que desejam estudar, apesar das responsabilidades que demanda uma criança pequena. Tal propaganda pode atingir diretamente às aspirações destas mulheres, que ingressam no curso persuadidas de que a EAD é uma alternativa mais viável para mulheres que têm filhos e precisam de sua presença e cuidados – e que, de fato, pode ser.

Campanha publicitária B

O aspecto da flexibilização de horários

**SUA VIDA ANDA SEM TEMPO?
A GENTE DEU UM JEITO NISSO.**

EDUCAÇÃO PRESENCIAL-INTERATIVA

Se você é uma pessoa batalhadora que tem meta, tem ideal e quer crescer na vida, faça. Com a Educação Presencial-Interativa você pode escolher cursos de graduação e pós-graduação da mais alta qualidade.

Por meio de aulas presenciais e uma parte virtual (por computador, DVD, encontros, entre outros), você aproveita tanto as vantagens dos cursos presenciais – ótima infra-estrutura, contato pessoal com professores, laboratórios e bibliotecas para estudo – como as dos virtuais, que oferecem atendimento online aos alunos, flexibilidade para escolha de local e horário para estudo e acesso a diversos recursos audiovisuais.

Com a assim: você sempre chega lá. É por isso que é sempre dez.

**CURSOS DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
CONHEÇA TAMBÉM:**

LICENCIATURA PARA BACHAREIS E TECNÓLOGOS – DURAÇÃO: 7 MESES
PEDAGOGIA PARA LICENCIADOS – DURAÇÃO: 1 ANO

São Paulo • Bauru • Botucatu
• São Manoel • São Roque

Ilustração 2: Campanha publicitária B

Fonte: Fonte: Revista Brasileira Anual sobre Educação a Distância

A campanha publicitária B divulga um curso definido pela empresa como *educação presencial interativa*. A imagem apresenta duas figuras centrais: um homem branco, aparentando ter em torno de 30 anos, vestido com trajes formais. Aparentemente é um empresário e está com o semblante pensativo. Ao fundo da imagem há um grande relógio, no corredor do que se supõem ser uma empresa.

No espaço entre o homem e o relógio pode-se ler a frase: *Sua vida anda sem tempo? A gente deu um jeito nisso.*

Abaixo da imagem os aspectos principais do curso em questão estão descritos. A modalidade é semipresencial. *Por meio de aulas presenciais e uma parte virtual (por computador, DVD, encontros, entre outros), você encontra tanto as vantagens dos cursos presenciais – ótima infra-estrutura, contato pessoal com professores, laboratórios e biblioteca para estudo – como a dos virtuais, que oferecem atendimento on line aos alunos, flexibilidade para escolha de local e horário para estudo e acesso a diversos recursos audiovisuais.*

A figura do empresário pode ser interpretada como a imagem do homem bem sucedido, mas muito atarefado com os compromissos do trabalho. Como a própria propaganda anuncia, um homem sem tempo para estudar e que precisa encontrar alternativas para tanto.

A situação apresentada pode ser interpretada também sob a ótica da sociedade tecnológica. O século vigente iniciou-se sob a égide da aceleração histórica, em decorrência, sobretudo, dos avanços tecnológicos. As constantes mudanças sociais ocorridas a partir do Século XVII, desde a Revolução Industrial, têm influenciado diretamente o modo de vida e as relações socialmente estabelecidas.

De acordo com Soveral (2001) a utilização das máquinas diminui o tempo de espera que habitualmente necessitaríamos para o alcance de diversas situações. Ou seja, a tecnologia implica sim em uma aceleração. Esta aceleração, entretanto, não está relacionada ao ritmo de vida existencial, que não é uniforme nem quantitativo como o tempo mecânico.

Com efeito, são numerosos, na ação humana, os tempos de espera que retardam a vivência das situações que desejamos alcançar. E o recurso aos meios técnicos consegue suprimir muitos deles. Parece pois haver aqui uma aceleração. Mas não é propriamente o caso. (Aliás o que está verdadeiramente em causa não é a aceleração da vida individual ou coletiva; o que se contesta, por abusiva, é a tese trágica de que tal aumento de ritmo desvaloriza necessariamente o passado e impede uma antevisão do futuro.) Na realidade, a diminuição dos tempos de espera torna mais rico, sem dúvida, e mais intenso e amplo, o curso da vida, individual ou coletiva. Mas

não aumenta o ritmo existencial porque ele é de outra ordem, não é uniforme e quantitativo como o tempo mecânico. E por isso muito perigoso o império que o tempo das máquinas tende a exercer sobre nós, e em conseqüência necessário que a ação educativa o denuncie e corrija para que ele não desumanize a vida convivente e empobreça a vida interior. (SOVERAL, 2001, p.14)

Sendo assim, podemos relacionar a aceleração histórica (ligada ao uso das máquinas) à própria aceleração dos processos educativos que se operacionalizam com apoio nas tecnologias de informação e comunicação, como é o caso do curso divulgado na propaganda em questão.

A EAD, neste caso, soa como a promessa de estudo para aqueles que não dispõem de tempo, em função, por exemplo, dos compromissos de trabalho. Entretanto, a promessa pode ser enganosa ou duvidosa. Além disso, a aceleração permitida pelos meios técnicos, conforme descreve Soveral, não necessariamente acarreta em resultados melhores.

Embora, para muitas situações, o encurtamento do tempo de espera – em decorrência do uso das tecnologias – tenha contribuído para a nossa qualidade de vida, o encurtamento dos tempos de aprendizagem, por exemplo, pode ter como resultado uma educação de menor qualidade.

Quando se valoriza o aluno, é na posição de consumidor, relevando-se aí a função da aprendizagem digital de atender à livre escolha no mercado. Por conta de acentuar excessivamente os limites da memória humana (e que são certamente reais), tendem a favorecer ofertas encurtadas, facilitadas, que se distanciam da habilidade de saber pensar. (DEMO, UnB, 2005)

O interesse da mídia, ao oferecer o curso desta forma, está em estimular o consumo sem critérios. Entretanto, a instituição que de fato realiza uma educação observando a redução de tempo de estudo proposta pela propaganda estará não apenas formando sujeitos com aprendizagens deficientes, mas contribuindo para perpetuar o estigma de que a EAD seja uma educação de menor qualidade.

Com o crescimento do e-Learning no Brasil, várias instituições de ensino superior passaram a oferecer cursos a distância. Com a promessa de mais tempo, maior autonomia, uso de recursos tecnológicos e apoio de um tutor, a novidade vem cativando um grande número de alunos. Mas o índice de evasão, em alguns casos, é muito alto. Segundo uma pesquisa da FGV-EAESP - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, a média de abandono é de cerca de 16%, sendo que os cursos semi-presenciais respondem por 8% das evasões e os totalmente a distância, por 30%. (Portal E-learning, 2005)

É sabido que a Educação a Distância é uma modalidade de ensino e aprendizagem que apresenta como vantagem a flexibilização dos horários destinados aos estudos. Trata-se de estudar, sim, mas de acordo com o tempo disponível de cada um.

Na propaganda em questão, a modalidade de ensino e aprendizagem é de natureza híbrida, ou seja, apresenta atividades presenciais e a distância, mesmo que a nomenclatura utilizada não deixe isso claro. Sendo assim, limita-se a questão da flexibilização do tempo, uma vez que os encontros presenciais acontecem impreterivelmente em um espaço/tempo delimitado e igual para todos os alunos do curso.

Também entende-se que, embora o apelo da propaganda seja pela falta de tempo daqueles que querem estudar e a caracterização do curso seja mais inclinada para a modalidade EAD, há frases que permitem acreditar que o maior número de horas do curso acontece presencialmente, por causa da frase – em letras pequenas, no texto abaixo da imagem – *Por meio de aulas presenciais e uma parte virtual.*⁵

Além disso, é importante analisar que, a frase principal destacada pela propaganda refere-se à falta de tempo e não à necessidade de adaptar o tempo às possibilidades de cada um. A declaração indica uma premissa de facilidade.

Indicar um curso para quem não dispõem de tempo é como indicar que o curso não demanda tempo para ser realizado.

Entretanto, conforme afirma Demo (2005),

Não se trata de “facilitar” as coisas, porque esta tentação sempre acaba mal. Educação *on line* não é feita para estudar menos ou de modo apressado e superficial. É, antes, alternativa e que funciona na medida em que preservar o insubstituível ambiente de aprendizagem.

Ao utilizar-se da linguagem publicitária, os anúncios de EAD referem-se a alunos como consumidores, e neste caso, destacam aspectos que valorizam questões mercadológicas como preço, tempo e duração dos cursos. Entretanto, cursos que atuam dentro da mesma ótica divulgada em anúncios como o que analisamos, podem incorrer em erros que não apenas são carentes de qualidade, com também contribuem para a desvalorização social da própria modalidade de Educação a Distância.

Ao compararmos a ideologia veiculada em propagandas como esta em questão e o depoimento dos sujeitos desta pesquisa (alunos de um curso na modalidade a distância), no

⁵ Grifo da autora desta pesquisa.

que concerne ao seu conceito de EAD antes do ingresso no curso, vemos reforçadas as questões destacadas por Thompson (1998) com relação ao poder simbólico exercido pela mídia, de maneira a sugerir e induzir crenças.

No caso, a crença induzida pela propaganda seria a da diminuição do tempo necessário ao estudo, levando o sujeito que interpreta a mesma a entender não apenas o curso e a instituição em questão como exemplos de uma “educação facilitada”, mas atribuindo à modalidade de maneira geral o estigma da menor qualidade.

Campanhas publicitárias C e D

Cursos com duração reduzida

Cursos com inscrições abertas

- *Pedagogia* – 3 anos e meio
- *Administração* – 4 anos
- *Letras* – 3 anos
- *Ciências Contábeis* – 4 anos
- *Serviço Social* – 4 anos
- *Filosofia* – 3 anos
- *Gestão da Tecnologia da Informação** – 2 anos e meio

Certificados pelas

Certificados pelo Centro Universitário

Mensalidades a partir de: **R\$ 176,00***
 Detalhes sobre valores **Material didático incluso**
*Valor para pagamento até o dia 1º de cada mês

Ilustração 3: Campanha publicitária C

Fonte: *Site* da instituição que oferece o curso – acesso em novembro de 2007

De acordo com o Artigo 3º do Decreto 5.622/2005, que regulamenta a Educação a Distância no Brasil, a duração dos cursos ministrados por EAD deve ser a mesma dos cursos

presenciais. “Os cursos e programas a distância deverão ser projetados com a mesma duração definida para os respectivos cursos na modalidade presencial.

Já o Decreto 2.208, de 17 de abril de 1997, que regulamenta o parágrafo 2º do artigo 36 e os artigos 39 a 42 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece normas sobre a Educação Profissional. A legislação dispõe sobre questões relacionadas à Educação Profissional nos níveis Básico, Técnico e Tecnológico.

De acordo com o artigo 3º do Decreto de 1997, um curso tecnológico “corresponde a cursos de nível superior na área tecnológica, destinados a egressos do ensino médio e técnico”. O artigo 10º estabelece ainda que “Os cursos de nível superior, correspondentes à educação profissional de nível tecnológico, deverão ser estruturados para atender aos diversos setores da economia, abrangendo áreas especializadas, e conferirão diploma de Tecnólogo”.

Sendo assim, no Brasil, de acordo com a legislação em vigor, um tecnólogo é um profissional de nível superior formado em um curso superior de tecnologia. Essa modalidade de graduação visa formar profissionais para atender campos específicos do mercado de trabalho. Seu formato, portanto, é mais compacto, com duração média menor que a dos cursos de graduação tradicionais. Mas, como um profissional de nível superior, os tecnólogos podem dar continuidade aos seus estudos cursando a pós-graduação *Stricto Sensu* (Mestrado e Doutorado) e/ou *Lato Sensu* (Especialização).

Entretanto, conforme pode-se evidenciar na campanha publicitária C, há cursos anunciados para EAD com duração inferior à duração dos mesmos na modalidade presencial, sem especificação da natureza da graduação (se licenciatura ou tecnólogo). É o caso dos cursos de Pedagogia oferecido pela instituição, com duração de três anos e meio e Filosofia, com duração de três anos.

Embora os cursos possam, de alguma forma, estar legalmente amparados, a maneira como o anúncio é formulado, sem especificações referentes à natureza da formação que o aluno receberá ao concluir o curso, pode contribuir para a associação entre Educação a Distância e cursos com duração reduzida, o que não é verdade, de acordo com a lei.

Cursos a distância, tanto quanto cursos presenciais, devem ter a duração prevista para tanto e atender às mesmas necessidades. Entretanto, a divulgação, quando feita sem as devidas especificações, pode acabar por permitir interpretações enganosas, tanto para o aluno potencial, que ingressa no curso com idéias que divergem da realidade e também da sociedade em geral, que passa a encarar a modalidade na qual o curso é realizado – no caso, EAD – como de menor qualidade.

Podemos observar, entretanto, casos de propagandas de instituições que apresentam, a duração e a natureza do curso (Bacharelado, Graduação Tecnológica ou Licenciatura), deixando assim claro para o público em geral e para os alunos potenciais, em particular, quais serão as condições do curso oferecido pela instituição.

CURSOS	DURAÇÃO	MENSALIDADE
Administração (Bacharelado)	4,0 anos	R\$ 225,00*
Ciências Contábeis (Bacharelado)	4,0 anos	R\$ 225,00*
Comunicação e Marketing (Bacharelado)	4,0 anos	R\$ 225,00*
Gestão do Agronegócio (Graduação Tecnológica)	3,0 anos	R\$ 225,00*
Gestão do Varejo (Graduação Tecnológica)	2,5 anos	R\$ 225,00*
Letras - Português/Inglês (Licenciatura)	3,5 anos	R\$ 198,00*
Pedagogia (Licenciatura)	3,5 anos	R\$ 198,00*
Sistemas de Informação (Bacharelado)	4,0 anos	R\$ 225,00*

*Valores com 10% de desconto.

Ilustração 4: Campanha publicitária D

Fonte: *Site* da instituição que oferece o curso – acesso em novembro de 2007

A ilustração 4 apresenta diversos cursos oferecidos pela instituição, na modalidade a distância. A propaganda esclarece qual a natureza de cada curso, o que determina também a duração dos mesmos. Podemos aí observar que a maior clareza na linguagem permite ao público e aos futuros alunos um entendimento mais claro daquilo que a instituição pratica.

Comparativamente, entre as campanhas apresentadas nas ilustrações 3 e 4 podemos analisar que a primeira delas dá margem a diferentes entendimentos. Um curso oferecido a distância, com duração inferior à que deveria ter no Ensino Presencial não é permitido por lei.

Sendo assim, a não especificação dos aspectos que amparam a Instituição para oferecer um curso com duração reduzida contribui para a marginalização da EAD, na medida em que se associa a modalidade à duração do curso. Embora seja uma interpretação enganosa, é a própria publicidade que dá margem à tal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação a Distância, enquanto modalidade de ensino e aprendizagem legalmente aceita no país, existe desde 1996, com a aprovação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Entretanto, os primeiros relatos do então ensino por correspondência (primórdios da EAD) datam do século XVII. (NUNES, 1992)

Desde o seu aparecimento, há mais de três séculos, até hoje, a Educação a Distância tem passado por alterações que permitiram processos de aprendizagem mais dinâmicos, sustentados, sobretudo pelo desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação. (ARETIO, 2001)

No Brasil, embora ainda existam muitos obstáculos a serem superados pela modalidade, a EAD apresenta-se como o subsetor educacional que mais cresce no país. (LITTO, 2006). Calcula-se que apenas no ano de 2005, pelo menos 1.278.022 brasileiros estudaram por EAD, segundo dados do Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância 2006.

Mas a representatividade na Educação operacionalizada a distância não se encerra na quantidade de sujeitos que dela participam. Representantes do Ministério da Educação já afirmaram que a EAD é o recurso mais importante para alcançar a meta estabelecida pelo Plano Nacional da Educação que determina que até 2011, um percentual de 30% dos jovens brasileiros com idade entre 18 e 24 anos sejam atendidos pelo Ensino Superior (em 2007, apenas 11% da população com esta faixa etária é atendida).

Não se trata de valer-se da modalidade para reduzir ou facilitar as obrigações do Governo com a Educação. Trata-se de reconhecer que o Brasil com suas dimensões continentais, possui uma enormidade de cidadãos em idade escolar afastada do ensino superior por estarem geograficamente distantes das universidades ou pela ausência dos professores. (BALMANT, 2006).

É neste sentido que situamos a validade deste estudo. Se a Educação a Distância figura hoje como modalidade que atente elevado número de cidadãos e a expectativa é de que este número venha a crescer, se faz necessário não apenas o estabelecimento da qualidade de aprendizagem nesta modalidade, mas também do reconhecimento da mesma como válida e qualificada.

Embora os preconceitos relacionados à EAD possam ter origem em diversas questões, como por exemplo, o equivoco comum de relacioná-la, nos dias de hoje, ao ensino

por correspondência (ARAÚJO e HORA, 1998), muitos dos estigmas vinculados à modalidade referem-se à facilidade dos cursos, como encurtamento do tempo necessário ao estudo ou à própria diminuição da carga horária das graduações nesta modalidade, características bastante exploradas pela mídia, nas propagandas que divulgam cursos e instituições que promovem a EAD.

Sendo assim, utilizando a metodologia proposta por Thompson (1995), Hermenêutica de Profundidade, perpassada pela técnica de Análise de Conteúdo de Moraes (2003), realizamos um estudo que buscou encontrar as aproximações e/ou os distanciamentos entre o entendimento que os próprios sujeitos (alunos) de um curso na modalidade EAD apresentam de seus processos de aprendizagem e de ensino e o conteúdo veiculado pela mídia que divulga a Educação a Distância.

Os questionários efetivamente respondidos por 47 sujeitos (oriundos de um total de 320 questionários entregues) evidenciam que os alunos, em sua maioria, acreditavam antes do ingresso no curso, ser este mais fácil que os cursos ministrados na modalidade presencial. Tal posicionamento deflagra que 75% dos entrevistados quando ingressantes possuíam algum tipo de preconceito com relação à modalidade.

A análise das respostas dados pelos sujeitos aos questionários demonstra também que após o ingresso no curso, a grande maioria dos sujeitos alterou sua percepção com relação à modalidade de ensino, de maneira a atribuir-lhe mais crédito.

A maioria dos sujeitos, 66%, acredita que a modalidade a distância pode formar alunos tão bem quanto a modalidade presencial e destacam que para ambas as realidades a formação dependerá do empenho e dedicação despendidos pelo aluno. Ainda assim, um grupo de 21% dos sujeitos acredita que a EAD pode formar um aluno ainda melhor preparado que a modalidade presencial, dada a gama de potencialidades e habilidades que são desenvolvidas em um curso a distância.

Na população pesquisada a modalidade alcançou muita aceitação após o ingresso no curso. A grande maioria dos alunos (73%) afirma que não trocaria da EAD para o Ensino Presencial, ainda que tal fosse possível. Entre as razões enumeradas para tanto – aspectos positivos da modalidade – a maioria dos sujeitos afirma não trocar justamente por preferir esta metodologia e não apenas pelos aspectos práticos que esta permite.

Outro aspecto positivo bastante citado foi a questão da flexibilização de horários. Os sujeitos afirmam que, embora tenham que despender bastante tempo e empenho, as atividades, os horários para estudo são organizados de acordo com a disponibilidade de cada um. Com relação ao tempo dedicado diariamente aos estudos, o grupo mais significativo

entre alunos, 38%, afirma estudar entre uma e duas horas por dia, não contabilizando os períodos do final de semana e feriados, quando muitos sujeitos afirmam ter mais disponibilidade para dedicar-se às tarefas acadêmicas.

Entre os aspectos negativos da modalidade, alguns sujeitos apontam a falta da interação pessoal presencial. Eles acreditam que embora o ambiente de aprendizagem permita muitas trocas e interações, a relação do “olho no olho” ainda faria a diferença entre as modalidades a distância e presencial.

Entretanto, um balanço geral das considerações dos sujeitos com relação à modalidade demonstra que a maioria está satisfeita com o curso e com a modalidade de ensino escolhida.

Em contrapartida, a análise das propagandas de cursos na modalidade EAD diverge das opiniões dos sujeitos da pesquisa.

Das quatro campanhas analisadas (cada qual de uma instituição de ensino por EAD) pode-se depreender visões depreciativas da modalidade de ensino em questão. São propagandas com promessas de estudo fácil e rápido, para aqueles que não dispõem de tempo, ou mesmo propostas de cursos com duração reduzida.

A análise das campanhas passa também pelo entendimento do que está incurso na comunicação, conforme define Távola (1984). Embora tais compreensões com relação à depreciação da modalidade não estejam claramente colocadas nas campanhas, percebe-se declarações jacentes sobre o mito da facilidade em EAD.

Tais campanhas publicitárias podem acabar por induzir nos sujeitos o entendimento de que a EAD seja de fato como as propagandas apontam, daí, portanto os sujeitos ingressarem no curso com expectativas ruins ou mesmo desacreditar a modalidade, e ingressar pretendendo redução de esforços.

Conforme Thompson (1998) o poder simbólico exercido pela mídia pode influenciar decisões e reações. É neste sentido que apontamos tais campanhas publicitárias como responsáveis por parte dos preconceitos que ainda envolvem a Educação a Distância.

Conforme afirma Coscarelli (2001), muitos dos equívocos relacionados à EAD podem estar relacionados a promessas estampadas nas campanhas publicitárias que divulgam a modalidade.

Embora saibamos que a mídia não seja a única responsável pelos preconceitos que envolvem a EAD, a análise depreendida das campanhas exploradas neste estudo distancia-se muito daquilo que os sujeitos pesquisados apontam como conceitual para seus cursos na modalidade não presencial.

Enquanto os alunos demonstraram ser muito exigidos, as propagandas insistem em se aproximar de seu público oferecendo situações que nem sempre condizem com a realidade.

Muitos são os cursos operacionalizados a distância que ainda necessitam passar por processos mais rigorosos de promoção da qualidade. Entretanto, muitos também são os cursos e instituições que promovem, à distância, educação qualificada.

Diferentes áreas do conhecimento podem completar-se em pesquisas que dêem continuidade a este trabalho inicial. Profissionais da área de Comunicação, Educação e Informática podem juntos contribuir para que a Educação a Distância passe a ser encarada com maior seriedade pela mídia, pela academia e pela sociedade.

Acreditamos na expansão da Educação a Distância, tanto por necessidades impostas por questões geográficas ou espaço-temporais, quanto como metodologia alternativa à presencial. E é por isso que estudos que venham a complementar a pesquisa desenvolvida neste projeto podem colaborar não apenas para a melhoria da qualidade e reconhecimento da modalidade de EAD, mas para o crescimento da Educação Brasileira, como um todo.

REFERÊNCIAS

Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância. São Paulo: Monitor Editorial, 2006.

ARAÚJO, Denise e HORA, Dayse. Educação a Distância: uma polêmica antiga, **Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, v.26, n. 141, p. 18-25, abr./jun., 1998.

BALMANT, Rebeca Oliveira de Moraes et al. O ano em que a EAD se tornou uma política pública. In: **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância.** São Paulo: Monitor Editorial, 2006. p. 121-125.

BRASIL/CONGRESSO NACIONAL/Presidente da República. Lei Fed. n.º 9.394/96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União** de 20/12/1996.

_____. Decreto n. 5.622/05.Regulamenta o artigo 80 da Lei 9.394/96. Publicado no **Diário Oficial da União** de 20/12/2005.

_____. Decreto 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei n.º. 9.394/96). Revogado pelo Decreto nº 5.622, de 2005. Publicado no **Diário Oficial da União** de 11.2.1998

_____. 2.561, de 27 de abril de 1998. Altera a redação dos arts. 11 e 12 do Decreto n.º 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, que regulamenta o disposto no art. 80 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Revogado pelo Decreto nº 5.622, de 2005 Publicado no **Diário Oficial da União** de 28.4.1998

_____. 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Revogado pelo Decreto nº 5.154, de 2004 Publicado no **Diário Oficial da União** de 18.4.1997

COSCARELLI, Carla. Educação a Distância: mitos e verdades. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v.7, n.42, p. 55-59, nov. – dez., 2001.

DEMO, Pedro. **Nova mídia e educação: incluir na sociedade do conhecimento**. UnB, 2005. Disponível em

<http://72.14.205.104/search?q=cache:wSR_u8cAmrcJ:telecongresso.sesi.org.br/4telecongresso/templates/capa/TextoBase_4Telecongresso.doc+%22NOVA+M%C3%8DDIA+E+EDUCA%C3%87%C3%83O:+INCLUIR+NA+SOCIEDADE+DO+CONHECIMENTO%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br>. Acesso em 16 nov. 2007.

FRANCIOSI, Beatriz Regina Tavares et al. Caos, criatividade e ambientes de aprendizagem. In: MEDEIROS, Marilú Fontoura de; FARIA, Elaine Turk (Org.). **Educação a Distância: cartografias pulsantes em movimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 129-149.

GARCIA ARETIO, Lorenzo. **Educación a la Distancia: La teoria y la practica**. España: UNED, 2001.

LANDIM, Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira. **Educação a distância: algumas considerações**. Rio de Janeiro: Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira Landim, 1997.

LITTO, Fredric Michael. Reflexões necessárias sobre a EAD. In: **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância**. São Paulo: Monitor Editorial, 2006. p. 13-16.

LOBO NETO, Francisco José da Silveira. Educação a Distância: planejamento e avaliação. **Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 80/81, p. 19-30, jan./abril, 1988.

LOPES, Carmen Lucia Evangelho. **8 de março, Dia Internacional da Mulher – Uma data e muitas histórias**. Disponível em

<http://www.ubmulheres.org.br/paginas/historia_8_marco_2004.htm>. Acesso em 07 set. 2007.

MAIA, Marta de Campos; MEIRELLES, Fernando de Souza; PELA, Silvia Krueger. **Análise dos índices de evasão nos cursos superiores a distância do Brasil**. Disponível em

<<http://www.miniweb.com.br/Atualidade/Tecnologia/Artigos/AN%C1LISE%20DOS%20CNDICES%20DE%20EVAS%C3O%20NOS%20CURSOS%20SUPERIORES%20A%20DIST%C2NCIA%20DO%20BRASIL.htm>> Acesso em 20 ago. 2007.

MATA, Maria Lutgarda. **Educação a Distância e novas tecnologias: um olhar crítico**. Anais do Seminário – A Educação a Distância e o Desenvolvimento. Rio de Janeiro, ABT, 1994.

MEC/SEED. **Referenciais de Qualidade para Educação a Distância**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf> Acesso em 29 ago. 2007.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilita pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

NUNES, Ivônio B., Noções de educação a distância. **Educação a Distância**. 4/5, Dez./93-Abr/94 Brasília, Instituto Nacional de Educação a Distância, pp. 7-25

PIRES, Lúcia. Sob fogo cruzado: Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) compara média de estudantes. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 set. 2007. Vestibular, p. 1.

Portal E-learning: Notícia: **Pesquisa revela índice de evasão em educação superior a distância**. 2005. Disponível em <<http://portal.webaula.com.br/noticia.aspx?sm=noticias&codnoticia=530>>. Acesso em 6 nov. 2007.

SEM Fronteiras. **Revista Ensino Superior**, São Paula, ano 8, n. 92, p. 98-41, maio 2006.

SOVERAL, Eduardo Silvério Abranches de. **Pedagogia para a era Tecnológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TAVOLA, Artur da. **A liberdade do ver, televisão em leitura crítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.